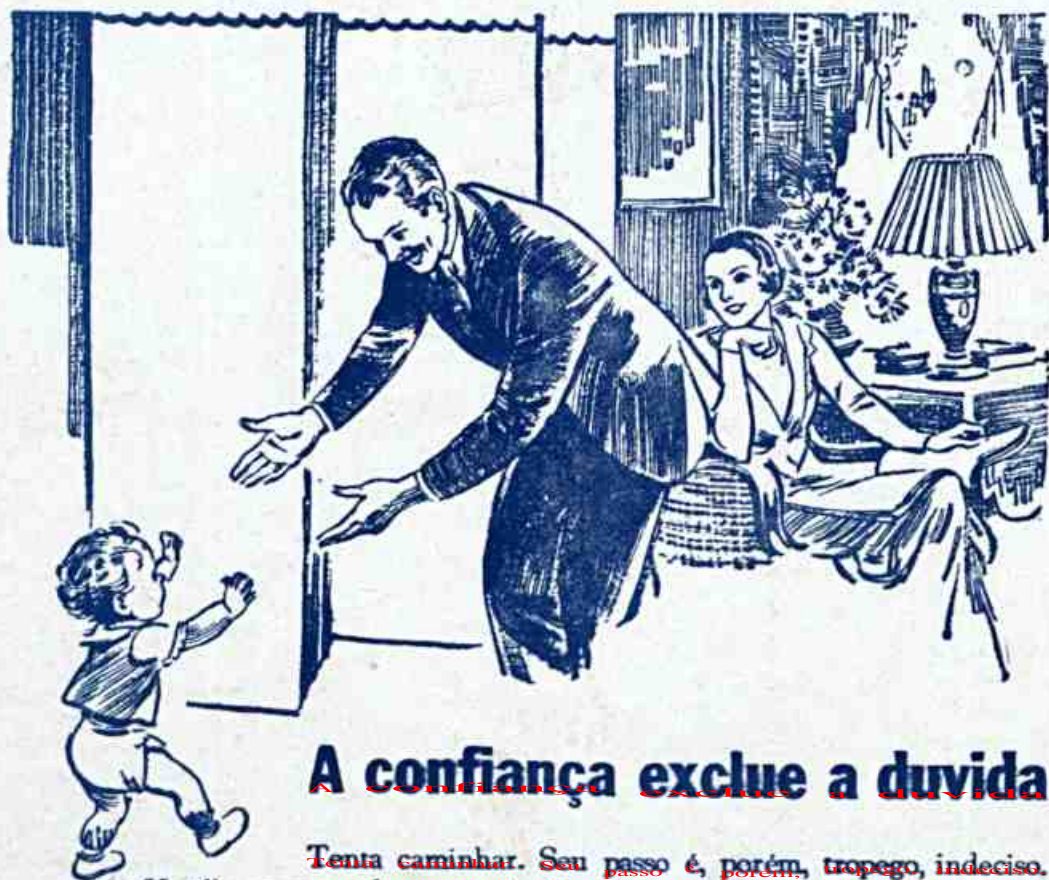
ANNO XXVI — N.º 50
Rio, 10 de Dezembro de 1932
PREÇO: 1$000
FON
FON

A confiança exclue a duvida

Tenta caminhar. Seu passo é, porém, tropego, indeciso. Vacilla, procurando um apoio. E, ao vêr os braços abertos, precipita-se para elles, com toda a confiança.

Eis o que se passa comnosco ao necessitarmos de um auxilio contra a dôr: buscamos instinctivamente

o remedio de confiança

que, não sómente allivia a dôr de cabeça, dentes, ouvidos; enxaqueca, nevralgia; colicas das senhoras; resfriados, etc., como tambem devolve a energia e é de todos inoffensiva.

CAFIASPIRINA
o remedio de confiança

O conto brasileiro

PAULO abriu a janella de par em par e espraiou o olhar de sonhador pela natureza ridente. Tudo tão harmonioso e tão bello! Habituado ao bulicio da cidade, á sua vertigem, a mataria verde e cyclopica, grandiosa, cheirando a flôr, commovida de canticos, extasiava-o. Tudo grandiosamente novo para o seu espirito emotivo, para a sua sensibilidade de artista... Dilatou as narinas e sorveu, lentamente, deliciosamente, a largos haustos, o ar purissimo daquella manhã de maio, manhã engalanada, cheia de sol e de belleza. Aguçou o ouvido para ouvir melhor a orchestração de Deus que ia de coisa em coisa, de canto a canto. Os riachos, como maravilhosas cobras de crystal, lambiam o dorso das montanhas e vinham, quéda sobre quéda, espraiar-se, lánguidos, na planicie esbatida de verde e prata, em revérberos liquidos.

Paulo, os sentidos meio entorpecidos pela paizagem empolgante, perdeu-se da ansia humana, infinitamente pequena deante do infinitamente grande. Lembrou-se das obras gigantescas erguidas lá, longe, na metropole, em plena civilisação. Confrontou-as com os prodigios da Natureza exuberante, fecunda. Mirou, num jequitibá ao longe, a fronde erguida, altaneira, soberba, de guerreiro impávido, indifferente ao latego do vento e ao furor do raio. Como lhe pareceram mesquinhos, insignificantes, os "arranha-céus" de cimento, granitos, ostentando ao sol o seu arcabouço gigantesco! Como lhe pareceram inexpressivos e banaes os palacios erguidos á beira-mar, re[illegible]os de flores trabalhadas, mortas na sua belleza, na sua primitividade de rainhas desthronadas!

Um preto velho, tropégo, o olhar [illegible] pelo muito que viveu, chamou-o á realidade com uma tigella de leite fresco a tremer-lhe nas mãos magras:

— Bom dia, yôyô. O patrão manda isto pra mecê.

Antagonismos

De GILBERTO VEIGA

* * *

— Bom dia, Gregorio. Que temos de novidade?...

— Arguma coisa. A vacca malhada deu cria esta noite. O jaracussú matou um carnêro, no vallo. Bicho renegado!

— E da villa, nada?...

— Tem, inhor sim. Esta carta que veiu onte de noite. O arriêro chegou tarde e não teve tempo de intregá.

— Dá-ma. Pódes ir.

— Zé Moleque foi lavá o cavallo pra yôyô passiá. Logo qui elle vorte, eu venho priviní mecê.

Paulo, ao receber a carta, logo conheceu donde vinha e de quem era. A letra de sua noiva bordava o enveloppe azul, côr do céu. Abriu-a contente, feliz mesmo. Era uma carta igual a todas as cartas de noivas... Cheia de affectos, de amôr e, sobretudo, de saudade.

Paulo, ainda sob a impressão de grandeza daquella manhã doirada sentou-se á velha escrivaninha de jacarandá de seu velho pae, tomou da caneta, do papel e respondeu a cartinha da noiva distante:

"Minha querida.

"A tua carta chegou-me numa manhã de festa no coração verde das coisas bravias. Ella foi o complemento do meu extase. E, si a saudade não viesse tão depressa lançar seu véu côr de cinza por sobre o meu deslumbramento, a estas horas eu ainda me encontraria com os olhos presos no verde dos ramos floridos e com o ouvido attento ao chilreio dos passaros... Aqui, amôr, neste ninho bucólico, os automoveis com suas buzinas ensurdecedoras, os bondes com seus ruidos tremendos sobre os rails de aço e as multidões carrancudas, mal dormidas, mal humoradas, não quebram a paz secular das arvores, os queixumes dos arroios e o ciciar da brisa entre as folhas verdes. Tudo aqui é verde. Verde como a esperança que floresce a alma da gente... Verde como os nossos sonhos de felicidade... Só a tua cartinha me fez lembrar o céu, e mergulhou-me, ainda que por um instante, numa tristeza vaga, imprecisa, imponderavel... Tristeza paradoxal, mixto de alegria e de saudade! Saudade de ti, meu amôr e dos teus carinhos. Nesta Chanaan de paz e de fartura, não tenho tempo para ficar triste: o amôr dos meus paes e dos meus irmãos, durante tanto tempo contido, sem effusão, no recolhimento do meu coração, expande-se agora, com uma sofreguidão de criança em liberdade, ou de passaro prisioneiro que volta, de novo, aos remigios do espaço immenso... Si não estivesse longe de mim... longe dos meus olhos, apenas, porque estás dentro do meu amor, da minha saudade, creio que me sentiria plenamente feliz neste recanto suave de perfume e de deslumbramento. Neste recanto onde tudo tem alma e fala á nossa sensibilidade. Dir-se-ia que a natureza se desdobrou em alinhamentos, em creações maravilhosas, em conjunctos harmonicos para nos agradar. Não esses alinhamentos, essas creações e esses conjunctos das cidades, mas um alinhamento espontaneo e grande, gigantesco na sua harmonia natural. Dentro, porém, da ventura que me domina, sentindo as pupillas illuminadas de belleza, o velario gris da saudade trabalha a ansia da volta que se vem tornando uma necessidade. E soffro. Mas, vou deixar de soffrer, voltando para ti e levando daqui a saudade verde de tudo que me cerca neste momento...

"Adeus, querida. Um beijo do teu

Paulo".

— Yôyô, o cavallo tá sellado! — disse o preto velho, de volta.

— Está bem, Gregorio. Obrigado. Manda levar esta carta ao correio da villa...

A CORTINA GRIS

Ao sahir da infancia e tomar consciencia da vida, Zula sentiu uma necessidade incuravel de poesia. Mas de poesia viva, humana. Não a que formam, reflectida, as noites de luar ou a formosura fina das flores. Profundas noites claras e flores esplendidas representavam a seus olhos uma poesia morta. Tambem não se poude consolar com o milagre dos versos famosos, creados pela sedenta imaginação do homem; nem com o lume fantastico dos contos do norte: as idéas formosas pareciam-lhe coisa irreal e indicio de uma aspiração que abrigavam almas tão necessitadas como a sua propria alma. Para que Zula sentisse a poesia viva seria, talvez, preciso que aquella claridade poetica dos contos do Norte e dos versos inolvidaveis descesse inteira á existencia humana, activa, á realidade mesma. E a realidade troçava tenazmente de seu grande desejo.

A troça começava no ambiente de seu lar. Filha de um empregado de Impostos Internos, orphã de mãe, com um irmão mais velho que estudava medicina, tudo em sua casa era trivial, corrente, feio. Falava-se muito de dinheiro, vencimentos, alugueis, dos vizinhos, da politica. Ouviam-se más palavras. Os sabbados eram dias festivos Sabbados inglezes. Em torno d Zula o ar se carregava de sentimentos vulgares. Sua mãe, que morreu quando ella tinha sete annos, era apenas uma recordação de doçura irreal.

Envoltos numa atmosphera de egoismo, seu pae e seu irmão e os grosseiros amigos ficavam de sobremesa, bebendo e conversando, incapazes de atravessar com um vislumbre do espirito a espessa parêde moral que os opprimia. Então a necessidade de poesia se avivava mais que nunca no coração de Zula. Teve esperanças de encontrál-a em um antigo collegio de freiras, onde entrou como pupilla. Imaginou um contraste absoluto entre sua casa e o ambiente conventual: em vez da sala de jantar estrepitosa dos sabbados, em vez da toalha manchada de vinho, um pateo circumdado de claustros pacificos, a estatua branca da virgem entre arvores cheias de silencio, e as religiosas abrindo os braços deante do esposo mystico. Poesia viva exaltada nas atitudes e na oração das almas.

Mas se desenganou: as freiras andavam de um modo terrestre, expressando seus olhos pensamentos communs. E o proprio santo temor de Deus que revelavam algumas lhe pareceu coisa pueril. Eram pessôas de carne e osso que abrigavam, em suas almas atarefadas, uma fé relativa ou muito cega. O velho silencio das arvores, a tranquillidade recolhida nos claustros e a brancura solitaria da Virgem eram, tambem, poesia morta.

Havia algo de muito inquietante, por outro lado, nessas impressões de Zula. Tanto aquella estatua da Virgem como as freiras tomavam um estranho aspecto quando ella os olhava de perto. Pareciam cobrir-se com uma cortina gris, com uma leve cortina gris.

Em compensação, uma das freiras notou, com grande espanto, que a pessôa de Zula se illuminava. O clarão nascia nella quando alguem se lhe aproximava. Mas a freira guardou o segredo do que havia observado na menina, para não envaidecêl-a.

Si Zula se aproximava muito do bello altar da capella, a mesma leve cortina gris descia sobre as magnificencias do altar. Até se apagava o brilho do calice de ouro. Tambem sobre as imagens dos santos, poeticamente esculpidos em seus nichos, descia mysteriosamente a cortina gris.

Nessa capella, no emtanto, julgou uma vez communicar-se com o ansiado resplandor da poesia. Na vespera de receber a clausura, triste pela idéa de voltar á casa paterna, entrou a rezar a uma hora em que o templo estava deserto. De joelhos, muito humilde, se poz a pensar ingenuamente no reino do Senhor. Todas as imagens, o côro, toda a capella, emfim, tomou novo aspecto para seus olhos. Ali, de repente, um canto se fez ouvir.

Alguem entrára depois della e cantava? Mas a musica do orgam, rompendo poderosamente, acompanhou a melodia da voz desconhecida. O mysterioso organista teria subido inopinadamente, levado por uma inspiração, e sem necessidade de se pôr de accôrdo com a pessôa que cantava: ambos improvisavam um jubiloso hymno ao Senhor. A graça sonora do canto se derramava sobre as imagens, sobre os symbolos de ouro e sobre a brancura das toalhas em cada altar. Toda a capella estava cheia da claridade que Zula procurava.

Sentiu-se transportada. Aquillo era a poesia viva, insondavel, de que precisava seu coração.

Mas um ruido nos bancos a sobresaltou. Viu a madre superiora rezando. Zula foi para ella, maravilhada, afim de perguntar-lhe si havia cantado. A superiora, notando a pallidez de Zula e o tremor que a agitava, levou-a rapidamente para fóra da capella.

— Estou certa, madre — disse-lhe Zula, — de ter ouvido cantarem os anjos.

A freira, afflicta, procurou acalmál-a, assegurando-lhe que ninguem havia cantado, e que sua illusão era effeito de uma grande fraqueza nervosa e fadiga do cerebro.

— O bom Deus — ajuntou — te amará da mesma fórma sem que seja preciso que te extenúes com penitencias e jejuns exaggerados. Agora tomarás alguma coisa quente, para que te refaças.

Immediatamente se dissipou na alma de Zula o resplandor diaphano que nesse dia quizeram trazer-lhe os anjos.

De Carlos Alberto Leumann

* * *

SAHIU do pensionato religioso para continuar vivendo com o mesmo desassocego. Procurou apoio em amigas intelligentes e comprehensivas. Mas estas não podiam comprehender, por exemplo, por que Zula recusava a leitura dos versos. Obrigavam-na a escutál-os, e notando depois sua expressão cansada, triste insistiam em perguntar-lhe:

— E' possivel que não sintas a poesia deste poema?

— Está cheio de belleza, sem duvida — respondia Zula. — Mas eu quizéra encontrar a formosura poetica aqui, na vida.

— Os versos — arguiam as amigas — são parte ou ao menos consequencia da vida.

— Sim, talvez vocês tenham razão... Mas, que querem?, eu precisaria que a vida mesma, em sua palpitação diaria, tivesse um pouco dessa belleza indecisa um pouco de insondavel. Si por momentos tambem as coisas da terra se illuminassem como uma formosa idéa, que ditosa me sentiria eu! Mas tudo no mundo me parece gris.

Suas amigas acabaram declarando que Zula não tinha sensibilidade para apreciar a belleza poetica.

— Si a tivesses — affirmavam-lhe — não deixarias de comprehender que tambem ha poesia na existencia diaria. Olha esses meninos loiros que brincam sob o sol alegre. E' um quadro cheio de candura e de poesia viva.

— Sem duvida, e confesso que daqui, á distancia, recebo delles uma impressão que quasi se parece com a poesia. Mas eu sei que, si me aproximar, ficarão grises e até perderão a graça infantil que Deus poz em seus rostos e em seus brinquedos.

— E' muito estranha a tua impressão — murmuravam suas amigas — Decididamente, não te comprehendemos.

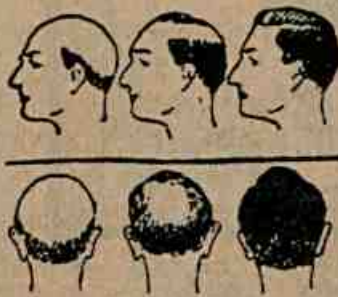
Mas de alguma coisa se surprehenderam ainda mais: da formosura e seducção extraordinaria que ia revestindo a pessôa de Zula. Embellecia, anno após anno, como certas flores quando se aproxima o fim da tarde.

Para distrahil-a de sua preoccupação, estiveram por induzil-a a que procurasse o amor. Mas as fez desistir uma reflexão egoista: "Si Zula põe os olhos em alguem, será muito mais profundamente amada que nenhuma de nós."

* * *

ELLA mesma, um dia, pensou em procurar um amor. Não pelo proprio amor, sinão por quanto sua doçura pudesse ajudál-o a descobrir a poesia da realidade da vida.

Escreveu a um homem que havia conhecido quando menina, e modestamente supplicou-lhe o favor de uma entrevista com ella. Marcaram um encontro no Jardim Botânico, e elle se apaixonou com exaltação. Contemplava-a cheio de espanto e com uma ternura que lhe infundia desejos de dar sua vida por ella. Depois de varias entrevistas, quiz beijál-a. Ella, sem vacillar, se atirou em seus braços.

Mas o rosto do homem se tornava gris, quasi sombrio, quando elle a beijava. O rosto de Zula, ao contrario, adquiria uma brancura diáphana.

Ao separar-se, ella ia inquieta. Atravessava a praça, tomava um bonde e pensava com tristeza naquella vaga cortina gris que ensombrecia o rosto de seu amado.

Animada por uma ultima esperança, declarou ao homem querido:

— Devo pedir-te uma coisa: rogo-te que ma concedas de antemão, porque eu soffreria muito si ma negasses.

Elle prometteu.

— Permittir-me-ias ir a tua casa?

Infelizmente, apesar de sua ingenuidade absoluta, a esperada poesia tambem não se apresentou na ora do terrivel mysterio.

* * *

UMA tarde, arrependida de seu peccado, visitou o antigo collegio de freiras onde, talvez instantaneamente, havia atravessado uma zona poetica no mundo. A' hora do almoço, para que ninguem a seguisse, pediu que a deixassem ir rezar na capella deserta.

Já sem esperança alguma, e só por uma doçura de seu desejo constante, supplicou ao Senhor, deante do altar, que não a deixasse morrer sem ter conhecido a realidade da poesia. Talvez se consolasse em tornar a ouvir o cantico dos anjos acompanhado pela musica do órgam. Emquanto rezava, a fatal cortina gris começou a descer sobre os ouros, as toalhas e as imagens da capella. Continuou rogando com um fervor ardente. Em seu rosto lindo e humilde nascia um clarão. Mas, de repente, empallideceu, ao tempo em que seu coração começava a se paralyzar. Sua oração era tão fervente, que ella não se sentia morrer. Seu espirito sahiu-lhe do corpo sem se desligar inteiramente da vida. Era uma rara fórma de abandonar o mundo, uma morte feita para ella por uma mercê do Senhor. De tal maneira, que Zula, do humbral indeciso da eternidade, poude contemplar claramente sua propria pessôa terrena ajoelhada ainda deante do altar, com as mãos ingenuamente erguidas para o céo e cheia de uma graça poética que nunca, por modestia, poude suspeitar em si mesma.

E soube, ali, a razão do penoso enygma: sua propria poesia viva fez com que, durante sua existencia, tudo perto della tomasse apparencia gris.

O CASTELLO DE LADY BOREEL

— Haya ficava atráz.

O holophote rubro do automovel, que nos conduzia, de vez em quando, punha em evidencia um ou outro apecto interessante do caminho, quando eu, friorenta e curiosa, limpava com o lenço a vidraça que a neblina offuscava. Em um desses instantes, lobriguei, assentado em um parque primoroso, um vetusto e magnifico castello. Accendeu-me a curiosidade, vendo-o tão magestoso quanto abandonado. Immediatamente, crivei de perguntas o infatigavel e venerando dr. Karl Hertz, o nosso amigo e grande conhecedor de sua terra, que nos acompanhava a Leyden. O dr. Karl não se admirou da minha indagação. Ninguem que por ali passasse deixaria de fazêl-o. Era extraordinario aquelle solar! Bastava contemplál-o e todo um mundo de romance imaginario se nos assaltava, no desejo de conhecêl-o, como um novo livro de um grande valor, na vitrine das lojas. O dr. Karl prometteu-nos, então, um estranho episodio, illustrado com paizagem local, isto é, que nos deteriamos ali, para ouvirmos a sua commovente historia. Uns segundos, apenas, e seria satisfeito o nosso desejo, já agora augmentado.

Seriam nove horas quando o automovel parou, emfim. Era isso á maneira de um prologo, e o dr. Karl dispôz-se á narração.

— Vejam — dizia elle — a magia deste logar que inebria e faz sonhar!

De facto, a neblina bafejava desde a torre todo o castello cinzento que assim se tornava harmoniosa e inteiramente branco.

Mas o que mais prendia, o que mais se salientava, encantando-nos a todos, era a enorme quantidade de tulipas brancas que o cercava, confundindo-se á neblina.

— Que lindas tulipas! — exclamei, emquanto o dr. Karl se punha a evocar no seu silencio um longo passado.

— Lindas Lady Boreel, que esse é o nome das tulipas brancas — commentou o nosso amigo. — E como tal é conhecido este castello.

Ah! O castello de Lady Boreel, abandonado ha longos annos, encerra um romance fatal e, dizem os supersticiosos, é mal assombrado. Edificou-o o conde Maurice Von Freugen para sua noiva habitál-o, após o casamento. Von Freugen teria uns quarenta annos, quando desposou Hortencia Von Weirn, então, em seus áureos dezoito annos. Hortencia deixára o collegio para contrahir matrimonio com desconhecido que a familia lhe impunha. Por isso, talvez, nunca pudesse amál-o. Bôa e pura, comtudo, comprehendia o seu dever para com aquelle que lhe confiára o nome e jamais faltaria ao minimo vislumbre da honra, apesar da côrte infatigavel que lhe fazia Fritz, o predilecto amigo do conde. Todavia, o marido, cuja differença de idade não a podia comprehender, vivia em contínuos sobresaltos e excessivos zelos, emquanto a pureza continuava infinita naquelle forte caracter adolescente, apesar dos suspiros ridiculos dos vinte e seis annos de Fritz.

Os cuidados de Von Freugen redobravam-se, até que em seu cerebro apaixonado e doente germinou a idéa de exterminar a esposa. A pobre Hortencia era dia a dia mais nobre, como maior era o amor do marido e de Fritz. Uma noite, após a partida do rapaz, os olhos do marido fixaram-se terriveis nos da esposa. Hortencia, sem o comprehender, corou: isso foi para o

Por Dilke de Barbosa Rodrigues

conde como uma revelação de sua falta, e tanto bastou para se lhe confirmarem as suspeitas.

"Hortencia, comtudo, não comprehendeu o insulto. Deixou o salão e foi a seu recanto predilecto, no "living room", onde passava os seus dias, entre alegre e pensativa, onde, por vezes, ia surprehendêl-a o conde. Hortencia parecia costurar porque, de facto, em seus dedos estava a agulha, em suas mãos uma fazenda mimosa e ao lado, uma cesta rosea cheia de outros accessorios; mas, á chegada de alguem, ruborizada, nervosa, occultava tudo, a medo, e tudo fazia para deixar esse aposento.

"Nessa tarde, ao regressar, o marido, dirigiu-se para ali e a encontrou a escrever. Ao vêl-o, Hortencia, estranha como nunca, procurou esconder o lapis e o papel que continham suas idéas. Não passou isso despercebido ao conde. Meiga e risonha, ella se acercou delle e occultou o rosto em seu peito largo. O marido, que uma colera surda transformava, não viu nisso uma expressão de carinho, senão de falsidade e não fôra a entrada de Fritz e de um outro companheiro, por certo explodiria a sua ira reprimida. Fôra assim que elles deixaram aquella sala de recreio. Hortencia, agora, á noite voltára a remexer a costureira rosea de suas reliquias. Levou aos labios uns retalhos de côres suaves, mas sentiu-se tão fatigada, que logo os abandonou e caminhou para o seu dormitorio. O esposo costumava estar ausente essa hora, porque se detinha em seu gabinete, até madrugada. Hortencia trocou de roupa e, sorrindo para o retrato do marido sobre a mesa de cabeceira, ingeriu um copo dagua, que ali estava. Em seguida, dispunha-se a orar, fazendo o signal da cruz, quando sentiu uma especie de vertigem, uma coisa estranha: o quarto, os moveis, a rodagem deante de seus olhos!

A physionomia teve uma contorsão dolorosa e ella tombou sem vida.

Von Freugen, occulto atraz de um reposteiro, assistindo impávido áquella scena, tremeu ao vêl-a morta, tão serena e linda! Mas, afinal, estava vingado da alta trahição de que fôra victima.

"Desce apressado ao "living room" onde ia surprehender os segredos dos amores de Hortencia e Fritz. Abre a custo a rosea cesta e descobre uma série de camisinhas de sêda e sapatinhos de lã e um papel em que a letra graúda e fina de Hortencia dizia sem acabar "Meu caro Maurice. Quando me casei comtigo, julguei nunca te poder amar, mas, hoje, que sou tão feliz a teu lado, como eu te quero bem! De ha muito anseio por te dizer uma novidade que, sei, te dará muita satisfação. Em breve, terás a ventura de ouvir uma vózinha amorosa que te chamará papá e eu serei felicissima, quando ella disser — mámã! Quizéra dizer-te isso á viva vóz, mas, andas tão preoccupado com teus negocios, vejo-te a fronte tão franzida, que não me atrevo mais a proseguir e mal balbucio teu nome, me calo, para teu espanto..."!

"Era o bilhete que ella escrevia, quando á tarde, o marido viéra surprehendêl-a.

Eram aquelles os segredos de Hortencia!

"Quando a criadagem acordou na manhã seguinte, encontrou, no quarto dos condes, um pobre louco, afagando os louros cabellos de uma linda mulher inanimada!

"Dizem que, de então, jámais faltaram tulipas brancas neste castello tragico e quando alguem tentá tocál-as, estas Lady Boreel soluçam como si fôra a propria alma de Hortencia, branca e pura, ferida ao mais leve contacto com o ingrato mundo!"

Nossos olhos estavam humidos. O dr. Karl comprehendeu, então, que era preciso descer o panno, após o drama. Partimos. Foi assim que, em vez de meia hora, gastámos duas nesse curto trajecto, e, ainda sob essa impressão angustiosa, chegámos á formosa Leyden.

CRUDELIA (S. Paulo) — Oh, é realmente curiosa a sua missiva.

Escreve-me, v. ex., para me pedir a minha opinião sobre o soneto de um seu admirador exaltado:

"Yves. Mais uma caceteação. Mas, quem manda o Yves ser o "Sabe Tudo" e atender as amolações que lhe fazem pelo Saibam Todos?!...

E' de um caráter muito intimo minha consulta. Sei que não é indiscreto, confio em si. Creio não ser bonito que vou fazer. E' a mesma cousa que indagar em uma loja qual o preço de um objeto presenteado. Como curiosa que sou, desejava saber que o Yves acha do soneto que segue. Foi um presente dele. Foi o ultimo que me ofereceu. Não faço bem expondo-o a sua critica; mas ao mesmo tempo tenho tanta vontade de saber sua opinião sobre a lira.

Eis o soneto:

CÔRES DA VIDA

A vida é negra, dizem, mas, no entanto
Quando de crença a gente se reveste,
Após o soffrimento, a dôr, o pranto,
Ha no entanto em que a vida é azul celeste!...

E' rosa, ás vezes — vida sem encanto
Para quem foi amado já, e neste
Sonho morre... mas é verde, se o manto
De outra esperança côr a vida empreste!...

Vermelha tambem, quando a lua afflicta
Busca e em vão segue a sombra vaporosa
De algum sendal de gaze ou di uma fita!...

Mas se a bocca rosea e perfumosa
Da bem amada, num beijo palpita...
Nesse momento a vida é côr de rosa!...

Declara, preliminarmente, que, seja bôa ou má, a minha opinião, sobre o referido soneto, este continuará a ter o mesmo valor para v. ex.

Ora, nesse caso, eu nada direi sobre elle. Seria perder o meu tempo, que é precioso e raro para mim.

Apenas, v. ex. me fornece o ensejo de contar aqui uma anecdota interessante. E' a historia da moça que adorava o seu cavallo manco.

A todas as pessôas que iam á sua fazenda, ella perguntava:

— Que acha de meu cavallo?

— Ora, o seu cavallo? E' muito bonito.

— Mas não lhe acha algum defeito?

— Um só.

— Qual é elle?

— E' o que toda gente vê: é manco.

A moça respondia invariavelmente:

— E' verdade. E' manco. E' defeituoso. Mas eu gosto delle, mesmo assim.

Ora, eu não quero dizer que o solipede da moça seja semelhante ao soneto do seu amado. Longe de mim tal herezia. Mas, pelo menos, ha, entre um e outro, (isto é, entre o soneto e o cavallo, e não entre este e o poeta) uma analogia perfeita: ambos são mancos...

P. MARTINS (Capital) — O sr. me dirige uma carta prosaica e desenxabida, na qual se revela timido, á maneira de quem sabe que é culpado ou commetteu um crime. Vejamos a missiva:

"Sr. Yves. Saudações. Parece-me que já estou vendo na resposta a mim dirigida:

"Mais um poeta!... Ufff..."

Paciencia; em compensação será tambem mais um que não mais o incomodará; bastará para isso que me responda: "Não tente mais fazer versos".

E' essa, portanto a pergunta que lhe desejava fazer:

Devo abandonar ou perseverar? Com esta vão os 2 sonetos que

servirão para o julgamento. Desde já muito agradecido.

Peço responder para

P. Martins".

Agora, o encanto do soneto:

ESPERANÇA...

A vida é um martirio, um sofri-
[mento,
Uma tortura, uma ancia que não
[passa,
Uma batalha em que o cruel tor-
[mento
Se alia contra nós com a desgraça.

Procuram todos sem cessar ven-
[tura,
Unica mira da creatura humana;
Encontram apenas dôr e amar-
[gura,
Unico fructo de uma lida insana.

Uma esperança só alimentamos,
Que forte em nosso coração re-
[pousa
E á qual todo o calor da alma
[damos:

E', a de encontrarmos uma porta
[aberta
A' paz, depois da morte, unica
[cousa
Que neste mundo temos como
[certa.

P. Martins".

Pois meu caro, o sr. é um propheta. Adivinhou a sorte que lhe coube, no caso do soneto e da sua carreira literaria.

E, sem querer, lavrou a sua propria sentença.

HERMAN (Capital) — Ora, caro sr. a sua carta é bem uma queixa sem razão.

Escreve o sr.:

"Presado Sr. Yves. Saudações. Peço-lhe primeiramente desculpas por voltar á sua presença para repisar um assumpto já por si liquidado. Refiro-me á dois sonetos que ha dias lhe enviei e obtive a seguinte resposta — "Seus versos não podem ser publicados" — O Sr. não pode imaginar a tristeza que me ficou depois de descobrir no ultimo numero de "Fon-Fon" essa desoladora phrase. Quando esperava uma critica, uma corrigenda, um conselho, deparei com o seu penetrante e inexpressivo laconismo.

Os versos eram maus? Eram improprios?

Anciosamente aguardo nova resposta, esperando que me perdôe, mesmo porque a um homem tão caceteado como o Sr. em nada pegará por certo mais esse fardosinho.

Junto novamente os meus já infelizes sonetos, julgando que elles, consequentemente, não mais estão em seu poder...

De seu admirador.

P. S. — Aproveito a opportunidade para enviar-lhe mais um soneto meu, que servirá para contrabalançar ou, o que é mais certo, avolumar o meu passivo comsigo, desde muito em franco periodo de insolvencia.

Rogo-lhe a fineza, no caso de merecer nova resposta, dirigil-a para

Herman".

Muito bem. Como vê, não é possivel fazer critica de versos, como a sr. a encara e comprehende.

Ha uma differença entre critica e lição de poetica.

E o sr. ha de perceber, desde logo, que não tenho tempo para lhe expôr as regras mais comesinhas da arte de fazer versos. Regras que o sr. não conhece.

Nesse caso, por que não toma um professor de literatura? No Brasil não se tem o desejo de *pagar*; o que se quer é *receber* e receber de graça.

E' horrivel! E' o dominio franco da carona.

Todos querem ser poetas e literatos. Mas ninguem acha que o nosso trabalho, para fazer um nome literario, merece alguma coisa. As mulheres, então, julgam que o nosso dever é trabalhar por ellas e, depois... adeus, ó coisa!

Com relação ao seu pedido de critica dos seus versos, occorre-me a seguinte anecdota: Não sei qual foi o critico da antiguidade que recebeu, certa vez, os originaes de um poeta. Este lhe solicitava o obsequio de assignalar com uma cruzinha, todos os versos que elle, o critico, considerasse imperfeitos.

Dias depois, o poeta recebia o seu manuscripto com a seguinte cartinha: "Sr. Fulano, não attendi o seu pedido para não transformar o original do seu poema num triste e feio cemiterio".

Pois caro Herman, fazer critica dos seus sonetos — pelo mesmo processo — seria cahir no erro do critico em questão...

Yves

Toda e qualquer correspondencia designada o "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136
FON-FON — 10-12-932

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Presente de noivado

De Agaïd Lopes Barbieri

«MINHA FILHA: — Na transparencia do teu véo de noiva vejo-te sorrindo. Sorris de felicidade? Ha tantos sorrisos que não são de prazer!

Dize-me, querida: sentes-te feliz? Atravessas o limiar da nova vida confiante no futuro? Ou é a ironia que te entreabre os labios.

Zombas do destino? Escarnece-o?

Ah! como desejaria estar ao pé de ti. Saber as tuas duvidas, conhecer os teus receios e podêl-os desfazer. Não te sentirias bem na effusão do meu carinho, na grandeza do meu amor? Sim, filha adorada, não duvido.

Sinto que apesar de me te em roubado á convivencia, ainda és um pouco minha. Que o teu sangue se ergue, se levanta, fala e me aponta como sendo um pedaço de ti.

Mas preferi perder-te que te sacrificar a vida de pobreza.

Teu pae podia offerecer-te um futuro digno da tua posição social. E eu? Que te daria em troca? Miseria, opprobio e nada mais.

Quando firmamos o nosso contracto e estabelecemos a sociedade conjugal, era elle o capitalista — o commanditario. Desfeita a firma, era natural que só a elle revertessem os lucros. Retirei-me apenas com o necessario para prover-me a subsistencia, e só migalhas me couberam por direito em nossa separação.

E nessa desigualdade de condições achei que era meu dever entregar-te a elle.

Seria humano que te arrastasse no declive da minha descida? Seria justo que eu eclypsasse a segurancia da tua trajectoria? Não. A luz da tua projecção devia brilhar em todo o seu esplendor e não ser obscurecida pelo anonymato da minha vida de privações.

Preferi vêr-te no apogeu, preferi vêr-te rica, sentada no throno que minha phantasia te collocou, a te ver supportar as humilhações que fatalmente soffrerias si commigo viesses.

Adoro-te querida, e por adorar-te renunciei á felicidade de vivêr comtigo. Foi sacrificio grande, enorme quasi superior ás minhas proprias forças. Pensei succumbir de dôr. Mas não seria tambem sacrificio vêr-te beber commigo, gotta a gotta, a minha taça de amargura?

Choras Helena?

Porque mudas bruscamente a expressão do teu olhar?

Uma mulher deve encarar o destino com altivez, nunca com hesitação. Affronta-o com energia, na certeza de vencêl-o.

Tens médo? Amedronta-te a incerteza da nova vida? Não te atemorizes; enfrenta-a. Espera pelo que dér e vier. Não te percas em pensamentos inuteis. Age tão sómente. Os grandes triumphos dependem das grandes acções. Muda a tua physionomia triste. Ri sempre, na felicidade como na desgraça. O sorriso vence, a lagrima aniquilla.

Ergue a tua fronte que a grinalda emmoldura, empunha o sceptro da tua soberania e encara a humanidade. Vencerás.

O teu cortejo será grande e offuscados pela tua luz, muitos orgulhos dobrar-se-ão a teus pés.

Fecho os olhos para te vêr á distancia. E's linda! E mais linda ainda estás dentro do teu vestido de noiva. Appareces-me como floco de rendas, como pompom de arminho.

Como se casa bem a brancura do teu collo com a côr dos lyrios! Symboliza o branco a pureza de tua alma.

Um pingente de flôres de larangeiras cáe da tua fronte. Põe-te no rosto a expressão das damas gregas, divinas na arte de encantar. Lembras-me Cleopatra na opulencia da sua ostentação. Despertou em Marco Antonio a mais ardente das paixões pelo refinamento da sua seducção. Emquanto fôres rica, bella e feliz, todos se renderão a ti como se renderam a ella os outros póvos. Porém, não acredites na sinceridade de suas reverencias. Sê scéptica, minha filha, para que a vida não te traga surprezas.

Duvida um pouco e sempre das palavras. Crê tão somente na veracidade dos factos. Só elles são reaes.

Experimenta algumas vezes a fidelidade das pessôas que te rodeiam, para melhor conhecêl-as.

Si tivesses o dom de devassar os intimos, quantas desillusões te estariam reservadas! Sábiamente poz a natureza segredos no pensamento humano. Sinão, não haveria cordialidade e nem sociedades constituidas. Cresceria o odio e o fel transbordaria. A raiva misturada á desconfiança indispo-

(Continúa na pag. seguinte)

ria os animos, fomentando discordias.

Mira-te no meu espelho. Estou abandonada. Quem se recorda de que existo?

Quando eu tinha posição, quando envergava o disfarce da alegria — porque nunca fui feliz — tinha tambem o meu cortejo. Não era a sinceridade que os prendia a mim. Era o interesse a vaidade que os moviam. A humanidade é vil! Buscavam a sombra do nosso prestigio para se prestigiarem tambem.

Quanto não vale ser amigo dos que desfructam relevo nos nucleos sociaes e dos que se realçam pela preponderancia que lhes empresta o dinheiro? Muito, minha filha.

Hoje que sou pobre, que minha estrella diminuiu de brilho, quem vem ter commigo? Ninguem. Aquelles mesmos que diziam querer-me foram os primeiros a calumniar-me. Tambem era credula, tambem era confiante nessas sinceridades. Abri-lhes a alma, deixei que fossem a fonte dos meus pensamentos. Entraram, lêram, adulteraram. Das minhas qualidades fizeram defeitos e as minhas virtudes transmudaram em imperfeições.

E o resultado foi esse. Sou infeliz, sou desgraçada.

Nunca, filha adorada, quiz rasgar-te meu passado. A nossa separação é para ti uma interrogação. Não me culpes. Defende sempre a tua mãe dos profissionaes da maledicencia.

Pensa, apenas que o futuro se abre radioso. Caminhas para a realização do teu sonho de amor. Abre a tua alma e aspira com volupia a felicidade de viver desses momentos. Levanta-te firme e sem desfallecimentos: caminha!

Entrega-te ao teu noivo no sabor dos primeiros beijos e recebe de seus labios as suas promessas risonhas.

Só flôres de perfume colherás em tua lua de mel. Rirás facilmente de gozo incontido, porque todas as felicidades se fundem nesses dias que se escôam breves.

Não te illudas, porém.

Muitos caminhos se abrirão á tua vista. Nem todos são risonhos, nem todos são juncados de flôres Virão tambem tristezas orvalhar a tua alegria. Nesta hora, muito podia valer-te a minha protecção. Porém, quizeram os fados que te orientasses sozinha. Irás debater-te nos vagalhões da vida e só as tuas proprias forças poderão salvar-te. Irás entregar-te desarmada á ironia da sorte, sem estares preparada para a luta. E's uma criança!

Arma-te de intelligencia, empunha a tua vontade e na consciencia do teu mando — vencerás. Dominarás sempre, começando por dominares a ti propria. Reprime teu orgulho e recalca o egoismo. São barreiras que se interpõem á vista interior, impedindo-nos de ultrapassar os horizontes.

Presente de noivado

(Continuação)

* * *

Com estes, seguem outros conselhos para bem te orientares. Ditou-mos a experiencia.

Lê-os todos os dias com a devoção de uma prece. Penetra-os em sua essencia pela profundeza de tua argúcia e tirarás delles proveitos certos.

Guarda-os como si guardasses a tua felicidade e esconde-os para que julguem que te diriges pelo teu proprio raciocinio.

Aqui estão elles:

Apercebe-te minha filha, de que o amor é uma planta debil que floresce pela rega dos teus carinhos. Aduba-a com tua graça para que produza bons fructos. Mas para que ella se encha de seiva, para que a floração se torne fructo, a muitos requisitos terás que obedecer.

Não ha rosas sem espinhos: isso significa não haver felicidade sem sacrificios. Uma é a compensação da outra. Hoje te ris. Amanhã chorarás. Hoje te divertes amanhã te amofinarás.

Que são os divertimentos sinão palliativos da dôr? Si vivesses eternamente feliz, não procurarias derivativos, á sua sensibilidade ferida.

A vida é o resultado dos contrastes.

Darias valor á alegria si não te fossem dados os desgostos? Reconhecerias a belleza do sol si desconhecesses a chuva? Não. Habituar-te-ias com elle e te aborrecerias da monotonia da sua rotina.

O mesmo se dá com o prazer. Os escuros são necessarios para sobresahir os claros da paizagem. E tudo na vida é assim. E' sabia a natureza.

Sê observadora, minha filha, e tira partido da tua observação. Aprende-se mais nas lutas da existencia que nos bancos da escola. São renhidas essas pugnas, a victoria é o premio da intelligencia.

Estuda, aprende tudo. Põe-te no mesmo nivel intellectual de teu marido, para que haja mutua comprehensão. Um homem illustrado não se sente feliz ao lado de uma boçal.

Lê sempre os jornaes, acompanha os assumptos do dia e quando puderes commenta com elle os topicos mais importantes. Mostra-te companheira em tudo. Si elle gostar de anecdotas, aprende-as para contar-lhe; si se distrae jogando cartas, joga com elle; si prefere a solidão das bibliothecas ao atroar dos "jazz-bands", aprofunda-te tambem na aridez das sciencias.

Comprehendendo-te, sentirá elle orgulho de ti e, admirando-te, ninguem te roubará o poder.

Procura attrahil-o; não deixes os teus encantos desapparecer na convivencia de todos os dias. Veste-te com esmero, com graça, com elegancia. Nunca te apresentes ao seu olhar sem primeiro recompôr a tua *toilette*. Sê "coquette" porque a "coquetterie" é a arte do refinamento.

Não te faças aos seus olhos mulher invulneravel ás seducções. Deixa que elle pense que sendo mulher és fraca e como tal precisas de cuidados. Assim, sabendo-te perigosa, estarás sempre presente em seu espirito pela sua preoccupação.

Desperta sempre que puderes a tua lembrança. Emquanto estiver elle cheio de ti, outras não te tomarão o logar.

Trata teu marido com muita deferencia, mas com alguma cerimonia. Tem presente que os laços do amor são fragilimos e que com facilidade se rompem. Não lhe abras demasiado o intimo; mostra-te, ás

vezes, incomprehensivel para que elle não te fique sabendo tal qual és. E para que te veja envolta numa ponta de mysterio, finaliza em reticencias as tuas phrases, expõe as tuas idéas em sentido duplo, cobrindo desta fórma a nudez do pensamento. Inculca lhe, a pouco e pouco, a tua maneira de pensar. A força de repizares, elle as proclamará como si fossem suas e assim evitarás as suas desagradaveis contradições.

Trata-o com brandura e polidez, sem mostrar-te, no emtanto, de excessiva obediencia.

Si se tornar rispido ou mesmo grosseiro e adquirir o hábito de discutir frequentemente — si tiveres razão — levanta tua voz para que te sinta energica e não te deixes algemar os pulsos facilmente. Em caso contrario — muda de tactica—acarinha-o, abraça-te aos seus hombros com doçura e desarma-o num beijo. O carinho neutralizará o fél. Desanuviará a tempestade. Virá a harmonia. Si sentires que elle é carinhoso, retribúe, decuplicando as as demonstrações que te dei, não ha homem que não se transfigure nos braços de uma mulher.

Desperta-lhe o amor pela casa. Enche os vasos de flores e incute-lhe que o seu ninho é o seu paraiso. Para isso, aprimora-te como bôa dona de casa. Não te esqueças que muitos homens se prendem ás mulheres por uma bôa mesa. Nunca fales demasiado nas creadas e nem te lamentes nos poucos momentos que com elle conviveres. Esses assumptos acabarão por aborrecel-o.

Paira sempre acima dessas puerilidades.

Sê alegre. Enche os teus ambientes com os sons dos teus risos. Uma mulher que fala, que discute, que brinca, distráe. Assim não deixarás ouvir as moscas na monotonia de todos os dias. Sê espirituosa e reveste as tuas palavras de certa elegancia, mas sem affectação. Procura elevar-te acima das outras mulheres pela superioridade e pela distincção.

Indaga algumas vezes da sua vida financeira e não admittas que te omitta ou adultere a verdade de seus emprehendimentos.

Mostra-lhe que as mulheres têm intuições que elles não conhecem e que a perspicacia é dom que em nós está mais desenvolvido.

Nunca lhe digas não, quando te convidar para sahir. Acha-te prompta, mesmo que te sintas indisposta. Acostumando-o á tua compa-

(Continúa na pag. seguinte)

Seara alheia

Pôr de sol

No centro da cidade de Haya está a Vijver, pequeno lago rectangular. E, no centro da Vijver, uma pequena ilha com um grupo de arvores centenarias. O espelho da agua reflecte os castellos que se erguem ás margens destinadas a dependencias do governo.

Quietude absoluta. Lançar uma pedra na agua seria como apedrejar um crystal. Por mais sceptico que se possa ser, ninguem deixará, ali, de sentir uma especie de carinho dos seculos na ponta do coração.

E, quando se espera a passagem de uma companhia de arcabuzeiros, com seus capacetes, garbosos surge um bando alegre de moças enlaçadas pela cintura

Falam-me. Não comprehendo. Sorriem. Rio, tambem.

— Scheveningem! Scheveningem! — dizem.

Ah! a praia de Scheveningen. Sim: já comprehendo. São as jovens que andam em maillot azul, vermelho, verde, para servir de assumpto a todas as capas dos magazines hollandezes; numero de agosto.

— Nadadoras? (Simulo o crawl, no espaço).

— Ah! Sim! Sim!

Acertei. Riem porque acertei? Ou riem porque são nadadoras? Iu porque são moças e são bonitas?

Poem-se, de novo, em marcha. O lindo bando alacre segue rindo e, rindo, a dizer adeus. — JACYNTHO MIQUELAROSIA.

---

nhia, elle não desejará a de outros e farás nascer um hábito que o tempo deitará raizes.

Amigos?

Livra-te delles, minha filha, como si te livrasses de creaturas nocivas á tua felicidade. São elles os maiores responsaveis pela separação dos casaes. Inculcam idéas que não primam pela descencia e lançam sempre o joio nos trigaes. Quando perceberes, entre cortinas; certos assumptos que só falam em tua ausencia, interrompe-os e não

Presente de noivado

(Conclusão)

dês opportunidade para que o reatem.

Convites? Refuta-os tambem. Não é de bom alvitre deixares teu marido em semelhantes companhias, principalmente si forem de solteiros. Com naturalidade decantam as seducções de outras mulheres e o arrastam aos antros de perdição. Tem-nos como os maiores inimigos da tua felicidade.

Não sejas tambem, filha querida, demasiado autoritaria. Manda e obedece em alternativas.

Mostra-te sempre razoavel.

Contenta-te com o que tua fortuna te possa proporcionar, e não peças o impossivel. Encara tudo com simplicidade e repelle os exaggeros.

Sê economica e commedida nos gastos. A previdencia foi e será sempre a melhor das qualidades da mulher. Não esperdices hoje o que te poderá faltar amanhã.

Ahi estão, minha filha, os fructos de minha profunda observação. Mando-tos como presente de noivado. Muitos e ricos encherão as tuas corbelhas.

Mas fica certa: nenhum delles terá o valor deste, que te manda a tua mãe.

Será o leme de tua vida. A bussola que te encaminhará para o porto da paz, da concordia e da felicidade.

Sê feliz, filha adorada!

Que o destino te seja prodigo, proporcionando a ti o que a mim negou.

Que Deus te abençôe e que penses um pouquinho em tua mãe que se despede de ti — *Fernanda."*

O CAMELLO — Embora reze a tradição que um camello, em quatro passadas, levou Mahomet de Jerusalem a Méca, o que é certo é que tão util quadrupede não pode andar mais de sete milhas por hora e, assim mesmo, a passo, e, no maximo, durante duas horas.

Commummente marcha 5 milhas por hora e, na maior parte dos casos, é perigoso forçal-os a mais, pois, do contrario — dizem os asiaticos — "se lhe parte o coração", e o ruminante cáe para não mais levantar-se.

*

LUZ ELECTRICA — As lampadas electricas de arco devem-se a Foucault que, em 1848, utilizou o invento de Davy.

Mas, a invenção não prosperou sinão quando Edison, em 1880, lhe deu toda a amplitude da lampada incandescente.

Desde então, a lampada de Edison se popularizou devido á qualidade da sua luz e a facilidade com que é installada. Foi assim que a electricidade substituiu, com vantagens enormes, todos os outros processos de illuminação.

*

CHUVAS VERMELHAS — Nos annaes da Academia de Sciencias de Paris, lê-se que, no dia 17 de março de 1669, ás 4 horas da manhã, cahiu em muitos recantos da cidade de Chatillon sur-Seine uma especie de chuva ou de liquido vermelho, espesso, viscoso e hediondo, que parecia uma chuva de sangue. Nas paredes viam-se impressos os signaes de enormes gottas.

Acredita-se que semelhante chuva foi formada por aguas estagnadas e lodacentas que algum remoinho de vento levantasse dos pantanos proximos.

Alguns philosophos da Edade Media explicaram que taes chuvas eram "semelhantes ao sangue".

Na Armenia as nuvens derramam chuvas de sangue, porque ali ha minas de cinabrio, cujo pó, misturando-se com a agua, colora as gottas de chuva.

Em 14 de março de 1813 cahiu uma destas estranhas chuvas vermelhas sobre o reino de Napoles e nas Calabrias.

ALMAS E FLORES

— A alma de todas as creaturas, na estancia aromal e rythmica dos annos, se irmana com as flores...

— Com as flores?

— Sim, com as flores.

— Piégas...

— Piégas? Mas ha-as de todos os perfumes e de todas as côres. Umas, feias, incolores, carnivoras, lethaes... Outras, musicando perfume em surdina...

— A tua logica!...

— Convences-te?

— E por que não? A alma da minha noiva, tão triste e tão distante da minha, talvez seja uma violeta, que mais violeta se faz ainda, de nostalgias e saudades...

Romeu Castello

— Já vaes?

— Vou.

— Volta já?

— Volto já...

E não voltou mais. Nunca mais vi os olhos de Roberto, sempre luminosos; nunca mais ouvi os seus conselhos, que para mim eram quasi paternaes. Era meu amigo; foi o maior amigo que encontrei. Viviamos juntos. Trabalhavamos na reportagem de diversos diarios, auxiliavamo-nos mutuamente, quando, nos vae-e-vens da vida, o dinheiro diminuia para qualquer um de nós. Habituámo-nos a soffrer juntos, a gozar as mesmas alegrias. O que possuiamos era para uso de ambos. Nenhum tinha do outro a menor reclamação a fazer. Comprehendiamo-nos. E, no emtanto, — a vida não merece o desgosto de vivel-a, — separamo-nos eternamente com aquella meia duzia de palavras banaes, quando deveriamos ter partido juntos. Sim, si Roberto me dissesse naquella noite que iria para sempre, eu teria ido com elle. Juro que teria. Acompanhal-o-ia como o acompanhára em todos os passos na vida. Elle sabia disso. Comprehendêra, por certo, que só elle tinha o direito de partir, porque só elle começára a achar fastio na existencia que levava. Mas, antes nunca tivesse comprehendido tal coisa. Ah, Roberto deixou-se levar sem nada me dizer.

Uma mulher?

Sim, uma mulher desgraçadamente se lhe atravessou no caminho, para fazer-lhe a desventura e a minha tambem. Não, não, sou injusto demais. Ella não chegou a me levar pelo mesmo caminho que levou Roberto. Não chegou?... Chegou, sim. Aqui estou, deante dessas fôlhas de papel que a pouco e pouco se vão enchendo de letras negras, negras como todas as phases que a vida me mostrou, pelos olhos della. Ella! Estou sentindo aquelles olhos castanhos muito claros em cima de mim. Ali estão elles. Ali, ali. Que horror! Essa mulher ainda me persegue. Mas eu não quero, por todos os céus, não quero vêl-a mais.

Sinto-lhe o perfume de carne moça. Minhas narinas estão arfando, minhas mãos tremem; já não posso proseguir, não vejo nada. Mas, espera. Foge. Deixa-me ao menos neste ultimo instante. Eu preciso continuar, os outros precisam saber que foste tú, tú unicamente, que me levaste a

UM... DOIS...

esse gesto. A mim só? Não, a mim e a elle. Eu que jurára apertar-te a garganta com estes dedos que aqui estão! E... e, ao envés, de matar-te, beijei-te.

Como foi? Eu estava louco, naquelle instante. Quem sabe si não era um outro que agia em mim? Não haveria um segundo personagem a guiar-me os gestos?

Não, era eu mesmo. Fui eu mesmo que a beijei. Mas nem podia ter deixado de fazêl-o. Eu a julgava uma mulher immoral, capaz de arrastar homens ao lôdo, mas nunca capáz de rezar á beira de uma sepultura. Eu conto já tudo como foi...

Espera... Tremo, tremo, como si estivesse vivendo novamente aquelle encontro no cemiterio. Vejo-a de preto, debruçada no marmore frio da sepultura delle. Oh!

NOITE - MULHER

A noite é limpida e formosa.
O luar, uma fatalidade,
um motivo romantico ideal.
Para quem soffre,
elle vem aggravar a chaga dolorosa
feita pelos aculeos da Saudade.

A noite é languida e mulher.
— Que luar de amor!...
Bom Santo Antonio — o protector dos namorados —
vem nos raios de luz cuidar de seu rebanho
como um bom pastor.
E os que vivem do amor desamparados,
alma em farrapos,
procuram traduzir coisas de escarneo
coaxadas pelos sapos.

A noite é um filtro de desejo.
A lua bem redonda,
é um pandeiro de prata illuminado.
Vem de longe um rumor que castanhola,
tatalando no ar,
A noite é uma hespanhola!

Noite de doce amor e de desejo!
Noite só de prazer!
Magia do verão!
Em minha mão existe
todo o perfume de minha amada.
Conduzo minha amada em minha mão!

(De «Mandrágora», a sahir).

HORTA DE MACEDO

J. M. Brinckmann

como vejo nitidamente tudo. Trouxera-lhe violêtas e lagrimas de saudade. Ella o amára. Nunca pudéra suppôr que essa Regina amasse alguem. Amára o meu amigo, o meu maior amigo. Então não lhe queria sómente o dinheiro? Queria outra coisa mais elevada; queria-o por amôr?

Roberto nunca me faláta abertamente. Teve medo, por certo. Sim, Roberto nada me contou. E foi esse o seu mal, e o meu!

Oh porque elle não me disse tudo! Miseria... Por que foi? — Ah, vida! foi a primeira vez que elle assim procedeu. E foi tambem a ultima, porque está morto! Foi elle que me falou. Ali mesmo á beira da sepultura delle. E eu que pensava que era por sua causa! Era, sim. Não, não era.... Mesmo que fôsse, mesmo que elle tivesse mettido a bala na cabeça por uma fraqueza qualquer, ella não o esquecêra. Viéra rezar por elle. Coitada! Regina é assim mas tem bom coração. Bom coração? Então, que é isso? Estou acovardando-me? Já não quero levar ao fim o meu objectivo. Eu? Qual!

Essa mulher nunca fará commigo o que fez com elle! Nunca terá de mim o que teve delle! Teve, sim! E', é... eu cheguei a amál-a. Palavra de honra! Cheguei a ter por Regina uma paixão louca.

Começou naquelle dia em que a encontrei no cemiterio. E, a pouco e pouco, sem quasi perceber, fui-me devotando a esse mulher, que me trouxe, agora, a loucura. Estou louco, como Roberto. Vendi tudo o que tinha, atirei-me a todos os vicios e cheguei a roubar! Nada mais possúo. As minhas camisas estão rôtas, as botinas sem sóla e os termos de roupa luzidios e sujos. Fui até onde nunca pude suppôr chegar um dia! Ella amou-me? E' a duvida que me assalta.

Não importa. Ameia-a, como Roberto a devia ter amado. O destino, até nesse ponto, atirou-nos pelo mesmo caminho. Uma mesma mulher havia de pertencer-nos, como tudo, até então, na vida nos pertencêra. Haveriamos de ter um mesmo fim.

Ah, vida! E's demais amarga. Sinto-me cansado de te ter vivido. Por isso, é grande a minha calma no instante em que me despeço. Não levo de ti a menor saudade. Nem pena de Roberto! Atirou-se no despenhadeiro e levou-me comsigo. Que miseravel foi a minha existencia!

Como neste curto instante, em que meus olhos vão da pistola a esta folha de papel, tudo me passa na mente com tamanha nitidez!

Como me sinto calmo!

Já matei Regina. Dei-lhe dois tiros seguidos. Corri pela rua como um louco, e é tomado pela loucura que escrevo.

Ella morreu sorrindo. Que ironia soube pôr no seu ultimo sorriso! Ah, si todas as mulheres soubessem sorrir com ironia!... Como não seriam desgraçados todos os homens!... Quem sabe lá!...

Escrevo com o dedo no gatilho. Eu sou muito calmo! Com que desprendimento deixo a vida. Si a humanidade inteira fizesse o mesmo! Vou acabar. E' o fim. E pensar que amei Regina! Perdão, Roberto...

Um... dois..."

ÁS ARVORES

Séres! Quantos rolando sobre a terra!
— O homem, a pédra, o ferro, o insecto, a flôr...
No emtanto,
Só tu resumes,
Arvore do meu amôr,
Toda a razão
De sêr de um verdadeiro encanto
Para o meu cérebro, para o meu coração...

Sobre pântanos e alfombra,
Surges, medras, cresces,
Cantas, choras, refloreces...
E's flôr, és fructo, és sombra,
Nós somos sombra e fructo e flôr tambem

Teu soffrimento é um poema extraordinario!
Herdaste de Jesus
A dôr emmudecida,
As urzes do Calvario...
E's a cruz
De ti mesma, na epopeia da vida,
Arvore do meu amôr!

Esquálida e triste,
Sob as bênçãos fataes do azul sem fim,
Morres, Morres, emfim,
Como só tu sabes morrer:
— Muda, profundamente muda
Nos teus proprios escombros!...

S. Paulo, Novembro de 1932.

Alcides C. Maia

Lindas fazendas para vestidos
São mimos sempre bem recebidos.
Porem a todos o que convém
E' que os tecidos
Sejam tingidos
Com as anilinas marca Indanthren.

São anilinas reconhecidas
Em todo o mundo, como de escól:
São resistentes á chuva, ao sol,
Como ás lavagens mais repetidas.

Verifique, ao comprar a fazenda
Se ella traz a etiqueta Indanthren.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 50

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1932

CARICIAS DE LUZ

TENHO sobre a mesa uma carta difficil de ser respondida. Uma carta perfumada, carta de mulher! Aliás, quasi sempre temos difficuldade em responder ás missivas que nos chegam ás mãos. Ellas, raramente, trazem o bálsamo consolador para as nossas almas.

Quando são de creaturas amadas, que estão distantes, avivam saudades, rasgando as cicatrizes consolidadas pelo tempo.

Quando não provindas de entes queridos, não é necessario abril-as para adivinhar o que vem traçado no papel.

Na generalidade, contém um pedido qualquer. Massadas.

E é uma sorte quando não nos pedem dinheiro!

Porque, então, a resposta mais custa a brotar da penna...

Mas, a carta que tenho deante dos olhos tem uma feição singular, espelhando apenas a curiosidade de uma encantadora alma de mulher.

E aqui estou, abysmado na duvida, sem saber como decifrar o delicioso espirito que se diverte, escrevendo-me cartas perfumadas! Minha amiga... Confesso-lhe, sinceramente, que detesto a luz forte do sol de Verão.

E' brutal na sua crystalina limpidez. Não acaricia, queima.

Si tonifica os corpos, principalmente aquelles que se exhibem nas praias, sobre as areias doiradas, em contraposição extermina as flores, matta o verde da folhagem, pondo um ar de fadiga em toda a Natureza. Antes prefiro a luz do sol de Inverno, macia, avelludada, penetrante. Luz convidativa, terna, amorosa, para aconchegos demorados... Caricia envolvente, doçura. E os *interiores*, illuminados pela luz dos *abat-jours*, tornam-se paraisos, onde a musica dos beijos exaltam os sentidos para a festa do amor tão grata ás creaturas sensiveis. Minha amiga, mesmo sem querer, vou respondendo a sua carta, satisfazendo-lhe á vontade, apesar da difficuldade que me offerece o chema sobre o qual devo discorrer. Pela primeira vez, discordamos. Detesto o Verão e não comprehendo o seu enthusiasmo. Aqui na minha sala de livros, de paredes brancas, ha claridades selvagens, que irritam os meus nervos. A luz invade tudo, rindo da impotencia dos *stores*, quebrando-me até a energia de viver. Mas, eu conheço melhores caricias de luz

São aquellas que fluem da luz dos seus olhos esgateados... Maravilha, esplendor de sonhos impossiveis!

E' a luz que adoro, que me embala para todas as alegrias da vida. Caricias de luz... Ah! minha amiga, a luz dos seus olhos dá-me a sensação de um hymno ao Amor.

E nós sabemos que...

Para as almas, o amor é como o
[sol na terra:
Na magia de um sonho a vida
[transfigura!
E' tão bello e radioso o clarão que
[elle encerra,
Que até, depois da morte, a sua luz
[perdura!

Mario Poppe

A UNS OLHOS TURCOS

O homem apaixonado pela dama de alma oriental, começou a escrever, lentamente, o seu "Poema para uns bellos olhos de odalisca"...

"O' tu, que tens o encanto impressionante das filhas da Turquia, sabes o que teus olhos me suggérem?

Ah, os teus olhos cheios de cabalas e trevas — rasgados entre cilios recurvos, como cimitarras ou aquelle frio crescente do Alcorão! Ah, os teus olhos bellos de odalisca! Elles me mostram o claro céo de Stambul, para onde se enristam minaretes esguios, zimbórios de um branco acinzentado, outras vezes, brilhantes, uns sobre os outros, em tumulto, e ainda as mesquitas sagradas, que assistem os longos seculos desfilarem, como caravanas do deserto...

Nelles, eu vejo toda a grandiosa paizagem da patria mussulmana, e todo a q u e l l e mysticismo profundo do Islam...

Lá está, no fundo dos teus olhos, o Bosphoro admiravel, que ora se accende na irradiação dos dias dourados e ardentes, ora se veste de nevoeiros tranquillos, amortalhando a alegria viva das côres fortes e gritantes...

Oh, deliciosa odalisca! Teus olhos reflectem todas as coisas bellas da terra dos sultões e dos califas!

UMA ARTISTA BRASILEIRA

A jovem pianista e compositora espirito-santense Lycia Vivacqua Debiase, além de figura de relevo na sociedade capichaba, é uma artista consagrada nos meios artisticos do paiz. Achando-se entre nós, a nossa illustre patricia realizou, ha pouco, no Theatro Municipal, um concerto symphonico, o qual esteve sob a sua regencia e constituiu um acontecimento de grande brilho mundano. Nessa occasião, foi executado, com êxito, o poema musical intitulado «Chanaan», de autoria da brilhante compositora brasileira

Os serralhos! Elles ali estão, com as suas turcas formosas e tristes, escravas e favoritas, cujos olhos espelham, convidativos e graves, a gamma dos peccados de amor e a volupia dos enredos, dos riscos, dos crimes, dos recontros de sangue...

E, muitas vezes, quando aprofundo teus olhos hypnóticos, fulgindo nas olheiras romanticas, eu sinto e ouço os contos das "Mil e uma noites", na bôcca de Sheherazada, e escuto, pensativo, em attitude solemne, a voz dolente dos fieis, nas mesquitas de Allah — entoando, em harmonias que vôam, as orações das placidas tardes asiaticas... as velhas preces que, no dizer de Loti, têem "a pureza celeste de um orgão mediumnico de igreja", e emocionam até fazerem fremir as fibras do meu coração de homem do Occidente...

E eu desejo, vivamente, experimento o extranho desejo de ser um mussulmano contricto, para beijar, de joelhos, as tuas retinas escuras, que me falam, eloquentemente, de amores desgraçados e tragicos, de sonhos mal sonhados, de estremecimentos de saudades, despedaçadas pela dôr das solidões e das renuncias eternas.

Ah, odalisca formosa, que estranho magnetismo ha nos teus olhos profundos e cheios de indecifraveis enigmas!"

O homem apaixonado leu e releu a sua prosa exaltada. E disse, amargamente, comsigo:

— Um poema! Como se revela impotente a minha penna humilde, para falar da belleza de uns olhos de mulher!

E, lentamente, rasgou as tiras que havia escripto com tanto enthusiasmo...

YVES

Sociedade

No medalhão: senhorita Anna Candida de Moraes Gomide

(Photos Annunciato — Rio).

Senhorita Olivia Augusto Pimenta, filha do dr. Onesimo Coelho

Senhorita Mariza Porto, filha do dr. Agostinho Porto

Os estudantes allemães promoveram, recentemente, em Berlim, uma grande parada de protesto contra o tratado de Versalhes. E' um aspecto desse desfile universitario o que focaliza o cliché acima.

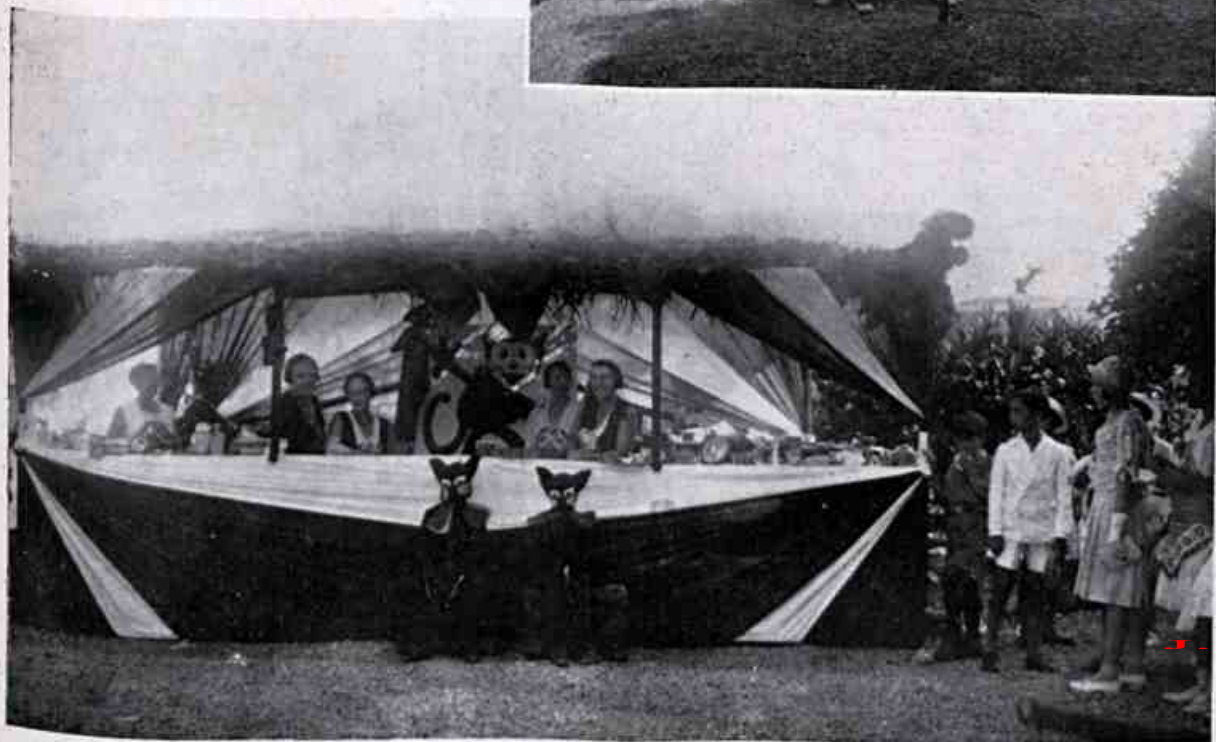
As forças hitlerianas desfilando deante de seu chefe, em Munich, após os graves acontecimentos que movimentaram, recentemente, aquella cidade. Hitler, que possúe, actualmente, um verdadeiro exercito em pleno coração da Allemanha, recebe, ali, a manifestação de cerca de quinze mil homens.

(Photos do Serviço Especial de FON-FON na Europa.)

UNHAS PINTADAS

A moda de pintar as unhas com esmaltes coloridos — roxo, prateado, verde, vermelho, azul, etc., foi lançada nos balnearios inglezes. Como se isso não fôsse sufficiente, imaginaram desenhar em côres sobre as unhas os symbolos das cartas de jogar — ouros, espadas, côpas e páus. E houve mesmo quem desenhasse a reproducção do retrato dos noivos e amantes nas unhas femininas.

Essa curiosa moda está custando a chegar por aqui. Por ora só temos visto unhas vermelhas, umas menos e outras mais...

A Pequena Cruzada movimentou festivamente os jardins do palacete Lafont, nas tardes quentes de sabbado e domingo ultimos, com os primeiros dias de sua grande «Feira de Variedades» em beneficio das criancinhas que ella ampara. As mais lindas figurinhas da nossa sociedade transformaram-se em alegres «vendeuses» da Pequena Cruzada e distribuiram-se galantemente pelas innumeras barraquinhas que enchiam o parque fronteiro ao palacio Monroe. Foi um legitimo acontecimento elegante a «Feira de Variedades» da Pequena Cruzada.

Caverna de Ali Babá

O dr. André Belucci, nosso brilhante confrade de imprensa e intelligencia expressiva da nova geração, acaba de formar-se em direito pela Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro e tem sido, por esse motivo, muito cumprimentado. André Belucci, que se fez pelo seu proprio esforço, goza de grande estima entre seus collegas, porque é um espirito modesto e scintillante e um grande e nobre coração de amigo. Nos bancos da Faculdade, sempre se distinguiu por um conjuncto de qualidades que o collocaram em logar de relêvo entre os bacharelandos de sua turma.

FARRAPOS ESFARRAPADOS

Nos reinados de Luiz XIV e Luiz XV, houve verdadeira mania pelas sciencias astronomicas. Os grandes fidalgos interessavam-se pelo seu progresso e as mais altas damas liam com ardor as communicações dos sabios que tratavam da descoberta dos novos satellites de Jupiter, das manchas do sol e da distancia das estrellas.

Ter-se-á uma idéa do favor de que gosavam os estudos de astronomia, sabendo que em Paris, além do grande Casini, existiam innumeros observatorios, entre os quaes se tornaram notaveis o de Soubise, o de Cluny, o do Collegio Real, o da abbadia de Santa Genoveva, o de Soissones, onde Catharina de Medicis ia fazer observações, o do Collegio Mazarino, o da Escola Militar e afinal o do castello da Monte.

* * *

Um hypnotizador de prestigio, a pedido de alguns amigos, deu uma sessão particular em casa de conhecida actriz. Naturalmente, as experiencias fóram iniciadas com a propria dona da casa, que ficou em estado cataleptico.

— Chame-me pelo nome! orde-

Tambem acaba de se formar em direito pela Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro o nosso joven collaborador Walter de Sequeira, que se tem distinguido em nosso meio pela sua incansavel actividade de publicista e homem de theatro. Walter de Sequeira foi o iniciador do «Theatro da Juventude», que tem apresentado, em espectaculos e festivaes de beneficio, varios elementos da sociedade carioca.

nou-lhe o hypnotizador, fazendo passes com as mãos.

— Cesar!... sussurrou suavemente a hypnotizada.

— Diga-me agora algumas palavras apaixonadas.

— Meu amor! Minha vida! Meu bem! murmurou a actriz.

Entre os presentes, porém, achava-se um critico descrente e maldoso, que se limitou a commentar:

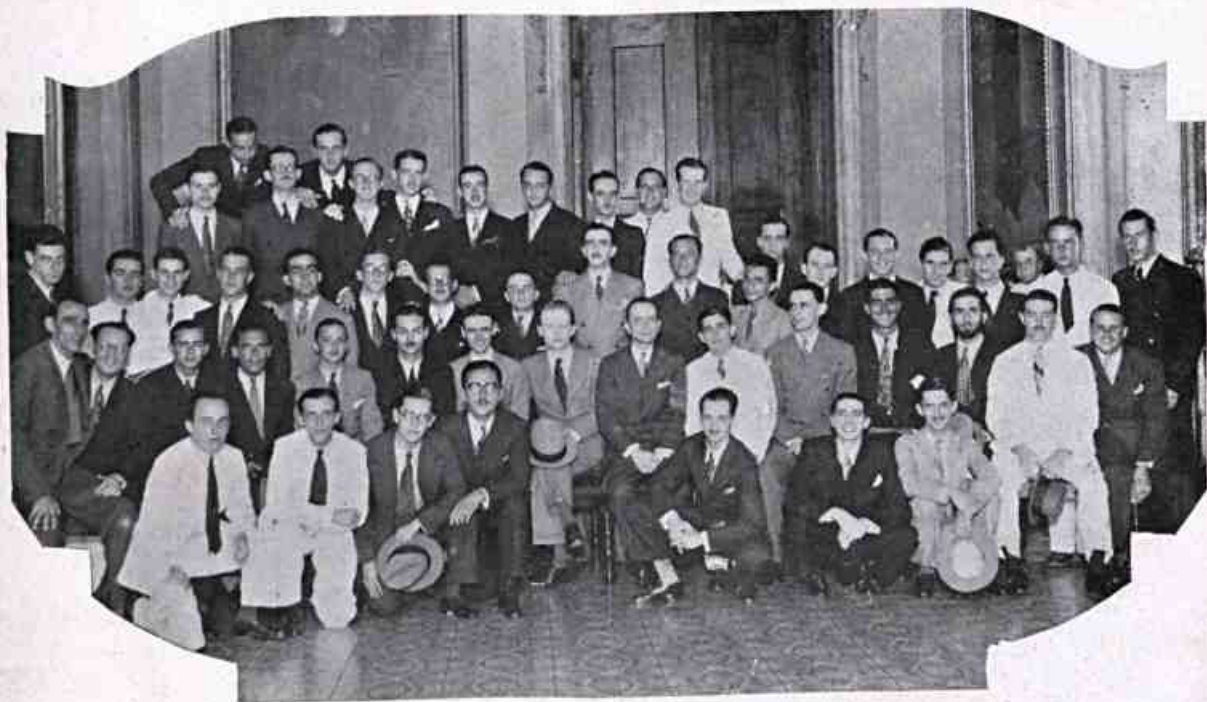
— Não é extraordinario que diga isso. Repete a tantos... Seria maravilhoso que as dissesse ao proprio marido...

* * *

Um chimico de Philadelphia observou ultimamente que, nos laboratorios onde se manipula grande quantidade de cyanureto de potassio, as pessoas que trabalham com esse veneno se vêm com frequencia assaltadas pelo desejo de comêl-o.

Os lindos crystaes brancos exercem estranha fascinação como a que se diz que as serpentes usam para com os passaros. Embora os que experimentam tal suggestão saibam que o cyanureto de potassio é um veneno mortal, sentem o vivo desejo de encher com elle a bôcca. Contam-se mesmo casos de pessôas que, não podendo resistir á tentação, sem causa apparente, appareceram mortas no laboratorio, ao lado de scintillantes montões de crystaes de cyanureto. Fóram victimas da vertigem dos venenos.

SÉSAMO

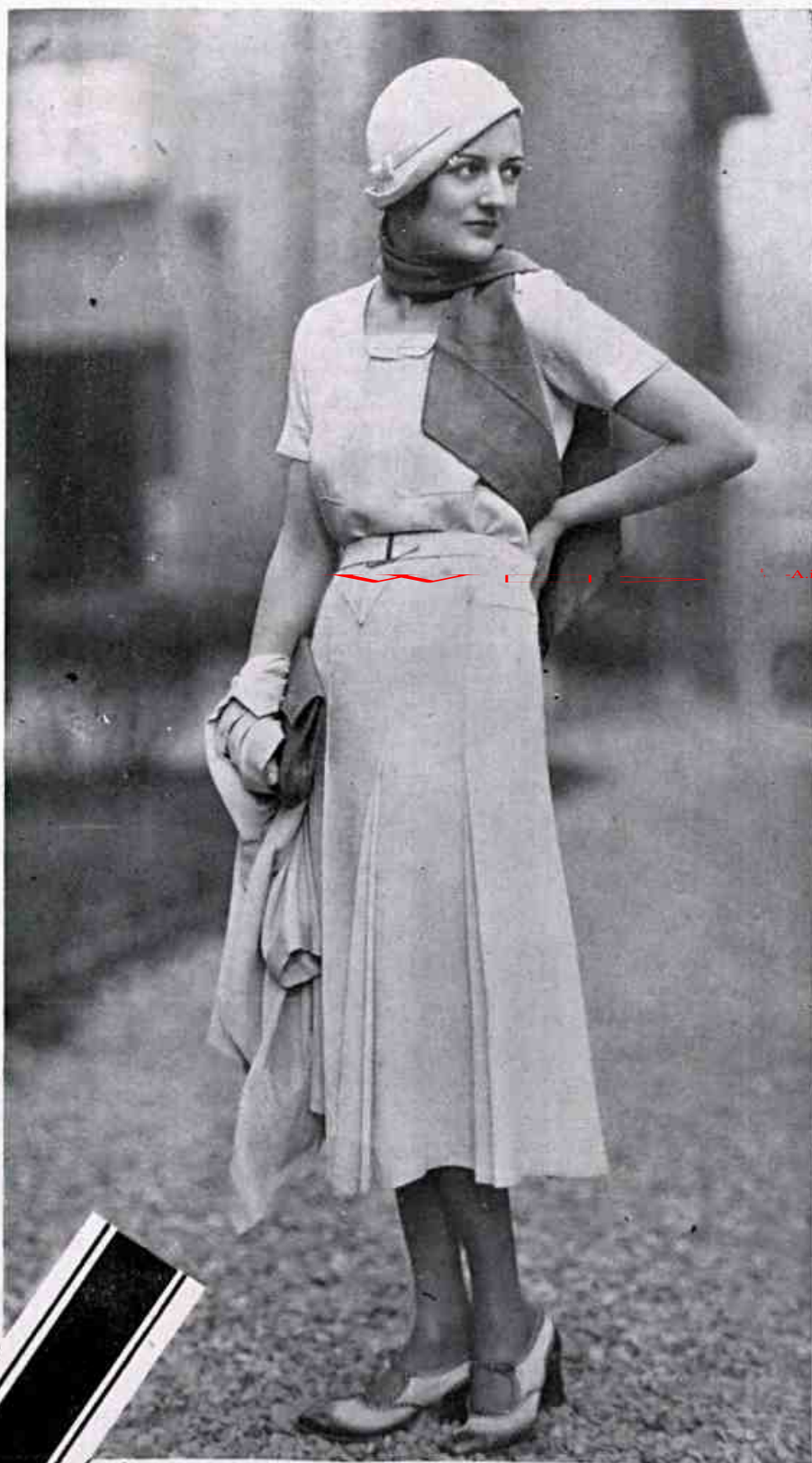
O dr. Mario Madureira pertence á ultima turma da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde fez brilhante curso, conquistando varios triumphos na sua vida academica.

Os engenheiros civis da turma de 1932 da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, que collaram grão segunda-feira ultima, mandaram celebrar na manhã daquelle dia, na igreja de S. Francisco de Paula, missa em acção de graças pela sua formatura. Nesta photographia, tomada pouco antes da cerimonia religiosa, apparecem os novos engenheiros acompanhados de seu paranympho, o professor Jeronymo Monteiro Filho.

OPINIÕES DE REMARQUE

Entrevistado por um jornalista, o romancista Remarque, autor do famoso livro *Nada de novo na frente occidental*, declarou não ser um escriptor fecundo e não ter facil inspiração. "Não é difficil escrever livros — accrescentou: — o peor é trabalhar com constancia e não abandonar a obra até o fim. O publico, geralmente, julga que se escreve um livro de uma só vez, no meio duma especie de embriaguez divina. Costumo permanecer sentado deante de minha mesa um dia inteiro sem conseguir traçar uma linha, recolhendo-me ás duas da madrugada. No fim de dez minutos, sinto um desassocego como para sahir. Contenho-me e fico em casa até poder escrever. Ha pessoas que têem idéas magnificas e nada produzem porque vivem na rua."

A solennidade da collação de grão dos engenheiros civis de 1932 realizou-se segunda-feira á tarde, no salão nobre da Escola Polytechnica, onde se reuniram, para assistil-a, os representantes das altas autoridades, membros do magisterio, alumnos das nossas escolas superiores e muitas familias da nossa sociedade. A cerimonia foi presidida pelo reitor da Universidade do Rio de Janeiro, professor Fernando Magalhães, que se achava ladeado, á mesa, pelo general Espirito Santo Cardoso, ministro da Guerra, e pelo director da Escola Polytechnica, dr. Ruy de Lima e Silva.

A bordo do cruzador italiano «Da Mosto», durante a recepção que o seu commandante e officialidade offereceram ás nossas autoridades e ás figuras mais destacadas da colonia italiana desta capital, na vespera de sua partida do nosso porto.

Os officiaes e marinheiros dos cruzadores «Da Mosto» e «Pessagno», que durante alguns dias permaneceram na Guanabára, prestaram tocante homenagem á memoria dos seus collegas e compatriotas do «Lombardia» aqui victimados pela febre amarella, em 1896. Essa homenagem, a que se associaram vários membros illustres da colonia italiana desta capital, constou de uma romaria de saudade ao tumulo dos marinheiros da Italia, no cemiterio de S. Francisco Xavier, e de uma cerimonia junto ao monumento que alli se ergue. Nessa occasião, florido o mausoléo dos marinheiros do «Lombardia», foi alli inaugurada uma lampada votiva, tendo falado o padre Ernesto Carletti, superior da Missão Salesiana de Matto Grosso,

Diagonale de soie blanche. Chapeau de même tissu piqué. Echarpe rouge.

(Photographia da Casa Jean Patou, especial para FOX - FON).

TREPAÇÕES

Emanuel Augusto e Luiz Philippe, filhos do sr. Luiz Haas.

AGORA só depende de um pequeno esforço, e *mademoiselle* terá conseguido realizar um dos seus maiores sonhos de amor...

Ella conseguiu desbancar a rival, a terrivel, a tremenda rival, á custa de uma intriga diabolica, urdida nas trevas, e parece que tudo corre á medida dos seus desejos.

O medico elegante, mas pouco intelligente, está sendo manejado, no caso, como um legitimo *marionette*.

Emquanto uma chóra de desespero, a outra sorri cheia de esperança. O medico não sabe, afinal, o que faz, o que deve fazer, e vae na onda... Parece, porém, que *mademoiselle* vencerá, pois não dá uma folga ao rapaz, não o deixa um intante, fiscalizando-o durante o dia. A' noite, o automovel espera-os para deliciosos passeios pelas praias que serpenteiam a cidade. Vamos ficar alerta para, mais tarde, contar o resto da historia. O que, entretanto, não padece duvida é que *madame* vae ficar sem o seu querido medico. A pequena é de circo...

A historia que vamos contar vae deixar muita gente assombrada, apesar de ser demasiadamente singela.

Madame tem o habito de ir á missa aos domingos, o que é muito natural. Mas, depois da missa, madame cumpre, *religiosamente*, uma outra obrigação...

E, não sabemos porque, *madame* faz garbo em exhibir, aos olhos curiosos, o rapaz que arranjou para suavizar a sua vida carregada em annos. Vaidade de mulher? Muito bem; mas, o abuso póde trazer consequencias terriveis para *madame*. Pois o rapaz vae esperál-a á porta da igreja, e ficam os dois, durante longo tempo, na praça ajardinada, proxima, trocando confidencias como dois pombinhos...

E, passe quem passar, elles estão indifferentes ao commentario pérfido, perdidos, de todo, num céo aberto! Collegiaes não se conduziriam de maneira diversa, nas suas manifestações ao ar livre...

A galante Norma, filhinha do sr. Alays Pinto Dornelles e de sua esposa d. Marina Lemos Dornelles.

Madame precisa ter mais compostura, respeitando-se a si propria, que é a unica maneira de se fazer tambem respeitada. Juizo, *madame*!...

PARA a linda menina não havia quem servisse para marido. Não gostava de negociantes, nem de medicos, nem de advogados, nem queria vêr na sua frente uma fardinha de botões doirados. Um caso singular, que preoccupava os paes da pequena, os quaes andavam doidos para descontar a letra, até mesmo casando a filha com um funccionario publico...

Mas, parece que as creaturas mudam de idéa, de sete em sete annos, como ensina a sabedoria popular.

A linda menina resolveu pensar de maneira differente, isto é, passou a gostar de homens de profissões diversas. Um negociante foi admittido na sala de visitas da menina, mas o despediram, porque o homenzinho cahiu na asneira de solicitar uma concordata...

Appareceu um advogado, e um medico tambem foi visto na zona, mas parece que um não gostou da presença do outro, e ambos fugiram. A pequena entrava num periodo de grande desanimo, quando soube que a priminha tinha pescado uma farda... Foi inteirar-se da novidade, visitando a prima. Gostou e voltou no dia seguinte. Voltou nos demais dias da semana.

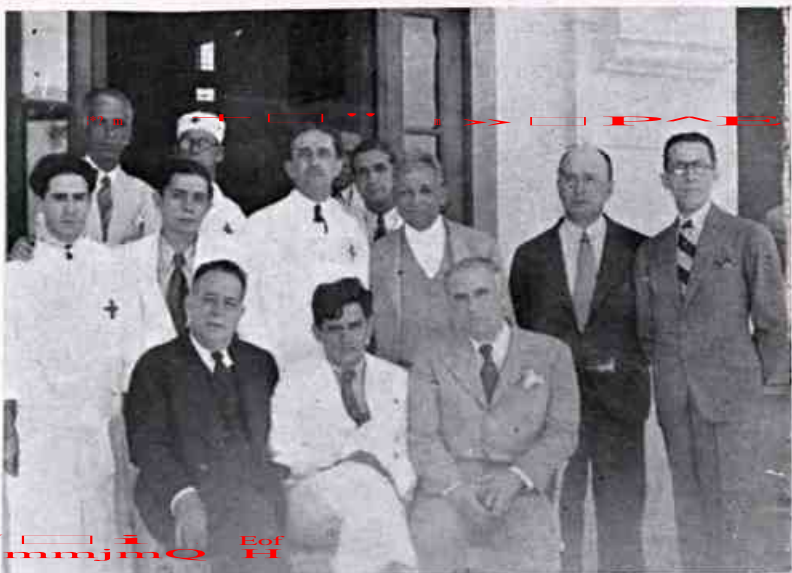
E tantas visitas fez á priminha, que acabou carregando com a fardinha da outra.

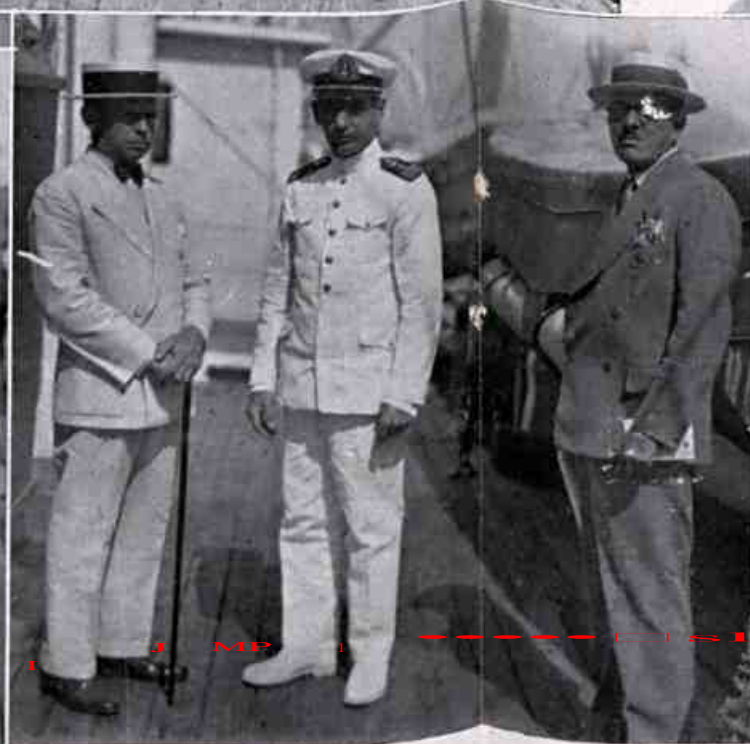
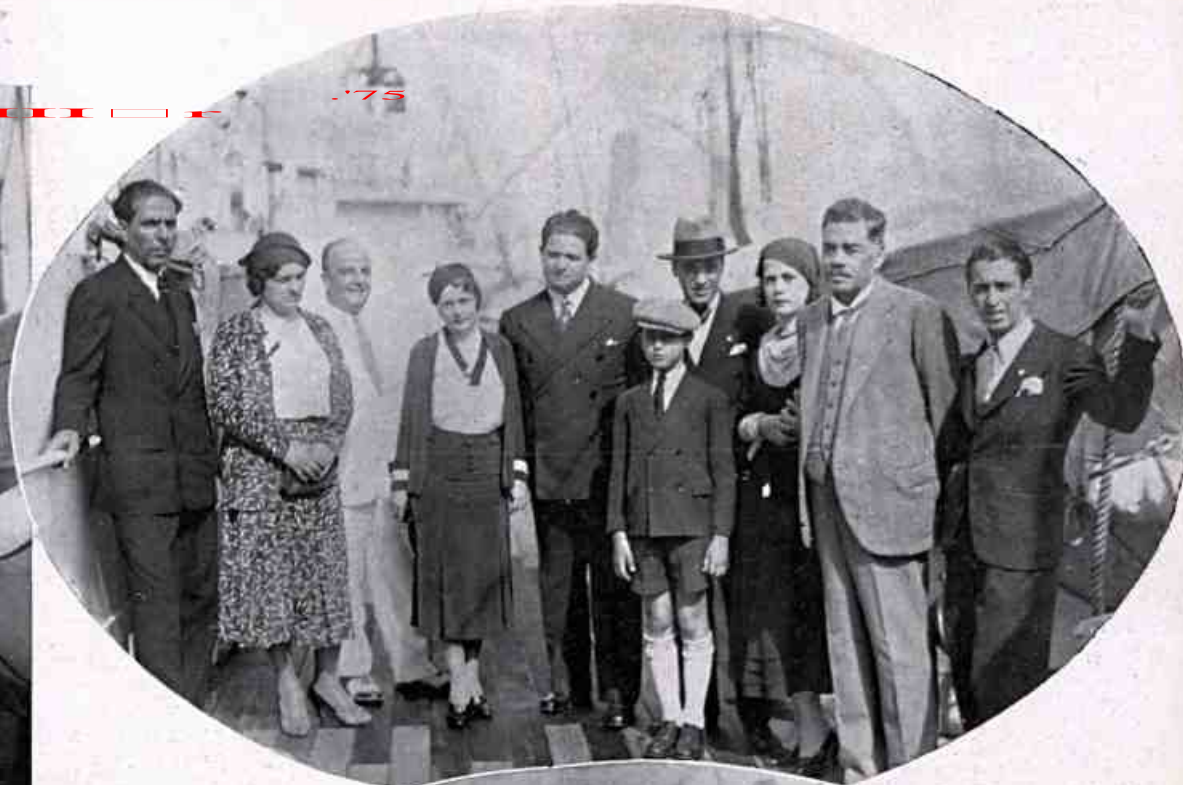
Agora que o casamento está por um fio... A menina, pelo menos, descobriu que o unico marido que lhe serve, é o militar.

E, si a priminha não atrapalhar a escripta com algum *cangeré*, tudo acabará bem, para maior satisfação dos paes da pequena, que andam loucos para casar a filha, custe o que custar. Está certo...

Humberto e Roberto, filhinhos do casal dr. José Peixoto.

(Galeria Irmãos de los Rios).

O dr. Vicente Luz tomou posse, ha dias, do cargo de chefe do Posto de Salvamento de Copacabana, para o qual foi nomeado, recentemente, por acto do interventor no Districto Federal. A cerimonia realizou-se com a presença do representante do dr. Pedro Ernesto, dr. Lourival Fontes, e de varios medicos e funccionarios do Posto, entre os quaes o dr. Antonio Ferreira Pontes, nome grandemente estimado em todo o bairro de Copacabana, onde, no caracter de facultativo da Assistencia Publica, tem prestado os maiores beneficios á população. O nosso «cliché» focaliza dois detalhes da solennidade, vendo-se o dr. Vicente Luz cercado pelas pessôas que assistiram á mesma.

Promovida pelos alumnos da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, realizou-se domingo passado, no alto do Pão de Assucar, uma festa em homenagem ao presidente da Associação Universitaria, estudante Justino de Araujo Villela. O grupo acima foi tomado por occasião dessa tarde de cordialidade academica, e nelle apparecem, além do homenageado, o director da Faculdade de Direito, dr. Candido de Oliveira Filho, professores, estudantes, jornalistas, etc.

PARA O EXILIO

O «Raul Soares», do Lloyd Brasileiro, que a 30 do mez findo deixou o porto do Rio de Janeiro, com destino á Europa, conduziu para o exilio vários politicos, militares e jornalistas que se achavam presos nesta capital como implicados no movimento revolucionario de São Paulo. Os exilados que seguiram a bordo daquelle vapor do Lloyd foram os srs. Ataliba Leonel, Haroldo Pacheco e Silva, Januário Flori, Joaquim Ferreira Lobo, Nenê Sobrinho, José Roberto Leite Penteado, Manoel dos Passos Maia e Tito Solari, o coronel Oscar Saturnino de Paiva, os tenentes-coroneis Adolpho da Cunha Leal e Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, os majores Henrique Quintiliano de Castro e Silva, João Carlos dos Reis Júnior e Luiz Silvestre Gomes Coelho, os capitães Archiminio Pereira e Severino José da Costa Júnior e o primeiro tenente Rubem de Paiva, além dos nossos confrades de imprensa Ismael Ribeiro, José Rabello, Percival de Oliveira e Waldemar Ripol.

São aspectos do embarque desses prisioneiros politicos o que focalizam as photographias desta pagina.

Alto-Falante

O sr. Raul Vachias, que residiu dois annos em Dublin e poude, como consul do Brasil e homem intelligente, observar as condições actuaes da vida irlandeza, escreveu um livro interessantissimo sobre a terra insatisfeita de De Valera, cujo desenvolvimento material e politico focaliza em paginas que a gente lê com agrado. «Irlanda» — tal é o titulo do volume do sr. Raul Vachias — traz um prefacio do illustre estadista irlandez James Fitz-Gerald Kenney e está alcançando, entre nós, expressivo successo de livraria.

MULHERES...

— ESTE cretino! Este idiota!

— Uma crise de nervos, tão cedo ainda, querida?

— Não estou falando comtigo!

— Com os espiritos?

— Talvez, apesar de não achar graça nenhuma na tua pilhéria...

— Mas, estranhei o teu mal humor... o teu estado de nervos...

— Um impulso de revolta, sabes? De justa, justissima revolta.

— Contra mim?

— Contra os homens em geral, que só procuram amesquinhar-nos, ridicularizar-nos, negando nos virtudes e qualidades que, vocês, por inveja ou despeito, menoscabam

— Vocês?... Nós, todos os homens?

— Sim, vocês todos. Porque não haverá um homem que, intimamente, ao menos, não subscreva todas as perfidias e maldades assacadas contra nós por qualquer idiota de genio como este, que tanto admiras!

— Este, qual?

— Nietzsche. O tal Nietzsche do Zarathustra, nebuloso, sombrio, cynico e odioso. Não sei como o toleras. Tens um espirito de...

— Avestruz, vá...

— Ah! Não me façás rir. Não quero desfazer a minha indignação.

— Mas... por que?

— Porque? E tu mesmo tiveste a coragem de assignalar esta miseria, esta passagem pequenina do tal Nietzsche, em O Crepusculo dos Idolos: "Dizem que a mulher é profunda. No emtanto, ella siquer não chega a ser chata."

— Ora, filha, uma "blague"!...

— Blague?... Estupidez! grosseria... Falta absoluta de conhecimento da alma da mulher... Gaffe psychologica...

— Hum...

— Hum, o que? Pensarás, tambem, com elle?

— Não, não! Pelo contrario: acho até que vocês são gente de muita fundura... Mas...

— Mas? Vamos. Conclue.

— Mas uma profundeza rasa, de oceano que, mesmo em procella, se vadeia com agua pelos joelhos.

— Ah! Ah! Ih! Ih!... Bôa! Bôa, esta!

— Ris?

— Se rio! Só rindo, mesmo... Ora, meu caro, se somos assim... razas... por que vocês nunca chegam a comprehender-nos?

— Por conveniencia propria.

— Por conveniencia propria? Não comprehendo...

— Sim, minha querida. Nós, os homens, fazemos das mulheres umas creaturinhas mysteriosas e profundas porque só compenetradas dessa profundeza e desse mysterio é que vocês se nos tornam verdadeiramente interessantes e deliciosamente encantadoras. E dançam, então, conforme a musica que lhes tocamos. Se se diz a uma mulher, mesmo feia, "és um amor de belleza, minha filha" — ella, satisfeita na sua vaidade, tudo fará para nos ser agradavel. Assim, do mesmo modo, se dizemos a uma outra — "Tua alma é um abysmo insondavel, profunda e mysteriosa como uma esphynge" — ella sorri desvanecida e convencida da sua "profundeza" e superioridade sobre o pobre mortal rendido ao irresistivel encanto e attracção do pequenino e perfumado "abysmo" feminino que elle, no emtanto, transporá a passo normal e sem perigo de vida.

— Então...

— Tudo galanteria, minha filha... Porque, em vocês, como nos homens, o que é profundo e mysterioso e tem abysmos insondaveis, é o Amor.

— O amor?

— Sim: o amor. Porque elle é assim é que vocês julgam que são tambem mysteriosas e profundas...

— Estás bruto, hoje...

— Talvez. Estou tambem de mal humor.

— Não. Não é isso...

— Que será, então?

— E' que já não me amas.

— Não te amo?

— Sim. Não me amas. Ha muito sinto isto. Estás tão differente, tão mudado. Já não és o mesmo: magôas-me a todo momento, por actos, por gestos, por palavras, e sempre procurando humilhar-me...

— Eu: humilhar-te?

— Sim: antes eu não era tão chata e sem expressão propria como agora.

— Meu amor, minha queridinha, perdôa-me, mas não tens razão. Amo-te como sempre...

— Teus actos dizem o contrario. Antes eras sempre amavel, e nunca sahias á noite, a não ser commigo. Hoje, de vez em vez negas-me uma virtude, uma qualidade, "chingas-me" e, não raro, chegas depois de meia noite em casa...

— Trabalho, querida... Excesso de trabalho... E, depois...

— Depois?...

— A vida está tão difficil, bem sabes. Luto tanto para vencer, para o conforto do nosso lar. Enervo-me. Inquieto-me. Tudo isto, e outras coisas que não comprehendes... Os actos... Sim. Reconheço. Sou rude e máu, ás vezes, comtigo. Mas vou ler-te esta phrase de Paulo Bourget, em L'eau profon-

(Continúa na pag. seguinte)

Raul de Azevedo é o romancista victorioso de «Amores de gente nova», cuja segunda edição, ultimamente apparecida, justifica plenamente o exito da primeira.

Na sede do Touring Club do Brasil, reuniu-se, sexta-feira penultima, o Comité de imprensa dessa prestigiosa aggremiação. Os trabalhos foram presididos pelo dr. Octavio Guinle, presidente do Touring Club, o qual expoz, em breve discurso, o programma geral de actividades da instituição para o anno de 1933 e agradeceu o efficiente concurso da imprensa no anno que está a findar. No nosso «clichê», vêem-se, além do dr. Octavio Guinle, alguns jornalistas que fazem parte do Comité de Imprensa do Touring Club os srs. P. B. de Cerqueira Lima, Juvenal Murtinho Nobre, Benilo Neves, Ary de Almeida e Silva e Edgard Chagas Doria, directores daquella instituição.

ALTO FALANTE

(Conclusão)

de: "Ce ne sont pas les actes qu'il faut juger dans la vie: ce sont les coeurs."

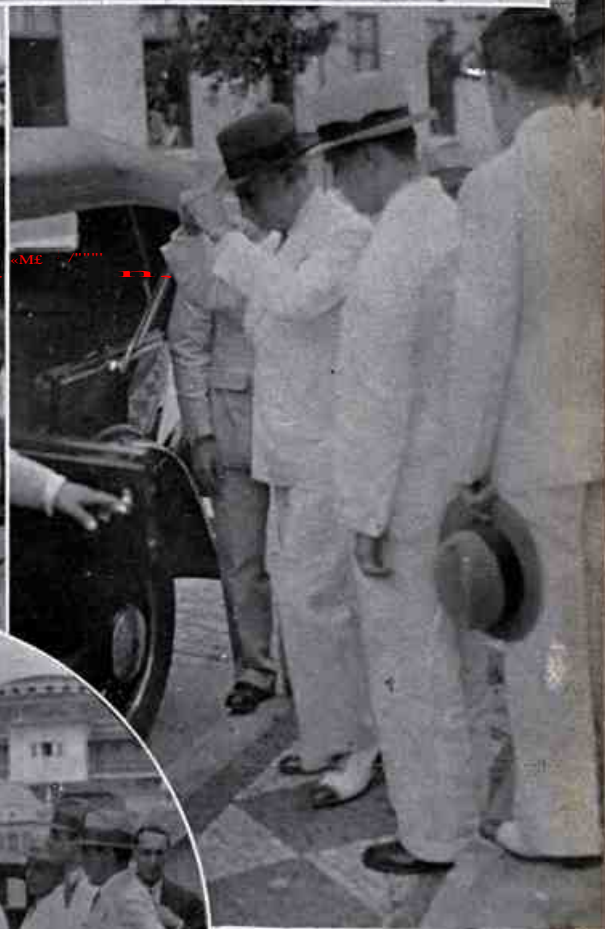
— Querido, meu amor, agora é a tua mulherzinha que te pede perdão. Sim, é isso mesmo. Não são, realmente, os actos e sim os corações que se devem julgar. O teu é tão nobre, tão amigo... E o meu?

— E' mysterioso e profundo, esse pequenino abysmo de bondade, de carinho e de amor — refugio e consolação da minha vida...

MAX LINDER

Enlace da senhorita Stella Gouv[illegible] de Oliveira com o dr. Emilio B[illegible] Niemeyer.

Artistas que tomaram parte no 10.° Concerto organizado pelo Departamento de Musica da Associação dos Artistas Brasileiros, e no qual só se fizeram ouvir composições de Radamés Gnattali e Luis Cosme, dois victoriosos da grande arte. Radamés Gnattali e Luis Cosme apparecem ahi ladeados pelos seus collegas Theodomiro Tostes, que abriu a festa com algumas palavras sobre poetas do Rio Grande do Sul; Adacto Filho, Oscar Borgerth, Newton Ramalho e Iberê Gomes Grosso.

Mais um golpe profundo acaba de soffrer a aviação nacional com o desastre occorrido, na Ponta do Galeão, com o apparelho «Avro» 444, da nossa Marinha de Guerra, e no qual perderam a vida o capitão de corveta Álvaro Barcellos Sobral, piloto do hydro, e o mecânico José Lima. A brutalidade do sinistro bem póde ser admirada na gravura desta pagina, que focaliza o apparelho ainda no local onde elle tombou.

O dr. Arthur Bernardes, ex-presidente da Republica, que se achava preso no forte de Vigia, em consequencia da revolução paulista, embarcou no «Asturias», domingo passado, como exilado politico, a caminho da Europa. O antigo senador e presidente de Minas seguiu acompanhado de sua exma. familia. Fixamos nesta pagina varios flagrantes do embarque do sr. Arthur Bernardes.

O dr. Washington Pires, ministro da Educação, foi, no ultimo domingo, homenageado pelos séus collegas de turma, que lhe offereceram um almoço por motivo de sua recente nomeação para aquelle alto cargo.

"EL TANGO ROJO"...

— Esse tango...

— Que tem esse tango?

— Elle encerra tanta coisa para mim. A sua musica dolente é feita de lagrimas e saudades doloridas... Ha vozes angustiosas cantando dentro delle um desespero sem fim, uma tortura que não termina mais, que não terminará nunca...

— Tortura de que?

— De recordar...

— Recordar, não é viver?

— Não; recordar, muita vez, é soffrer... E esse tango...

— Que tem esse tango? Vamos, diga, meu amigo.

— Quando a victrola do vizinho se põe a cantál-o, eu vejo a figurinha deliciosa da mulher que eu mais amei na vida dançando, na minha lembrança, como deante de mim, para a alegria confortadora de meus olhos. Vejo-a na minha saudade, como quando a beijei numa noite, longe dos olhares maliciosos, num banco do nosso bairro quieto, exactamente quando um jazz ensaiava a musica triste e harmoniosa desse tango... El tango rojo...

— Bem podia ser então: Tango da saudade...

— E' verdade. Podia, sim. Quero ouvil-o, mais uma vez, pela ultima vez...

— Por que?

— Porque, embora triste, elle ficou sendo a musica de minha predilecção, o alimento do meu espirito e dos meus ouvidos, porque me fala sempre de dois lábios que se uniram... de dois corações que se amaram muito...

EDWALDO CALMON

Os desembargadores Elviro Carrilho, Cesario Alvim, Machado Guimarães e Armando Alencar, quando recebiam a manifestação de um grupo de juristas, amigos e admiradores, por motiva da eleição desses illustres magistrados para presidente, primeiro, segundo e terceiro vice-presidentes da Côrte de Appellação, respectivamente.

Senhorita Zilda Ornellas, que se casou em São Paulo com o dr. Aguinaldo Miranda Simões.

Senhorita Irene Varani, cujo enlace com o dr. Mario de Quintanilha Braga tambem se realizou em São Paulo.

DO ELOGIO MUTUO

Será condemnavel o elogio-mutuo?

O homem nem sempre é criterioso no exame do seu semelhante, sob qualquer aspecto. A tendencia é sempre para o amesquinhamento, ou, — e isso acontece raras vezes, — para o louvor exaggerado.

O elogio-mutuo serve, em alguns casos, de equilibrio entre opiniões oppostas. Convem notar que o elogio-mutuo, á primeira vista, é uma simples supposição. Verdadeiramente elle não existe.

Póde haver, sim, uma retribuição de palavras carinhosas da parte de pessôas que se conhecem bem e que, portanto, estão no caso de se julgarem com acerto.

Faz-se o elogio-mutuo, propriamente dito, para irritar inimigos communs. Desse modo, não é ridiculo, ridiculariza apenas.

Alexandre Passos

Senhorita Lydia Corrêa, que contrahiu nupcias com o sr. Renato Arens, e é figura de relevo na sociedade paulistana.

(Photos Cerri — S. Paulo).

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA — Zacharias Rego Monteiro

ZACHARIAS REGO MONTEIRO é um dos mais typicos artistas dos palcos cariocas. Seu physico exuberante, sua plastica que se rythima em ondulações vindas da voz cantada ou phraseada em declamações, casando-se harmoniosamente do corpo á espiritualidade; tudo isso faz de Zacharias um admiravel encantador desse genero leve e gracioso tão apreciado pelo nosso elemento feminino, quando vae á ribalta: canto-declamação.

Tanto pela sua maneira propria de dizer ou de crear uma poesia ou uma canção, como nas imitações, Zacharias revela o quanto é requintada a sua esthesia sentimental.

Nem sempre, entretanto, póde o artista independer as suas aptidões reveladas do povo que o applaude. Nem sempre satisfará apenas ás propensões nobres do seu estro ou da sua lyra.

E' preciso que agrade o grande-publico, que o devirta e o faça rir. Lamentavel a realização de um destino muitas vezes votado a vôos altissimos a planar sobre a vida material, quando a aspiração da gloria seria a eternização do sonho perfectilizando a belleza!

Zacharias Rego Monteiro.

No "studio" do sr. Nicolas Alageomorjiz, na Cinelandia, vae o nosso "diseur" dar um recital de canções e imitações de artistas conhecidas, cantoras e declamadoras. São estas: Nenê Baroukel, Irusta, Elisinha Coelho, Laura Suarez, Didi Caillet, Maria Sabina e Bento Martins.

O programma consta de numeros lindos, novos, ineditos onde se vêem os nomes bem amparados de Maria Eugenia Celso, Olegario Mariano, Gilda de Abreu, Jucyra de Albuquerque Lima, Henriqueta Ferreira Vieira, Jean Senoir, Luis Carlos Joubert de Carvalho, Carlo Valderrama, Gael et Burtey, Nocetti, John Brandt, Brodsky e outros.

Do notavel no estranho e selecto programma do cantor carioca destacam-se *Joãosinho*, de Raul Roulien; *Por um carino*, de G. Alcazas e *J: Demon* (1ª audição) e *Alvorecer* de Charles Wakefield (trad. Nenê Baroukel), em 1ª audição.

Fará os acompanhamentos ao piano o capichaba Mario Azevedo, que se está fazendo pagar carissimo para taes emprehendimentos.

O Zacharias garantiu-me que o Mario vae lhe levar pela noite, um dinheirão. — H. I.

O Campos Phenicio Club, da cidade fluminense desse nome, festejou a paz da familia brasileira com um grande baile, de que offerecemos um flagrante no «cliché» acima.

O CÉO

Não é tolice como se pensa a velha theoria mythologica que diz ser o céo um crystal sobre que rolam as aguas eternas. O professor norueguez Vigard, depois de longo estudo sobre as auroras boreaes, conclúe que a capa atmospherica da terra está rodeada por um envólucro de nitrogenio crystalizado.

Isto explica a côr azul do céo e o facto das ondas de radiotelegraphia seguirem o contorno terrestre em lugar de tomarem a tangente.

A theoria de que certos gazes se compõem de particulas crystallinas infinitamente pequenas não é nova e já o professor escandinavo Owen quiz demonstrar que essa era a razão por que o gaz Helio não podia ser solidificado.

Os antigos não eram tão atrazados como suppomos...

Enlace da senhorita Martha Giliberti com o sr. Baptista Lima, realizado na cidade de Taubaté, São Paulo.

FON-FON no cinema

Era uma mulher mysteriosa

O TIGRE

Producção da UFA

com Charlotte Susa e Harry Frank

Os jornaes estavam cheios da noticia alarmante: "os assassinios, commettidos quasi que diariamente, de individuos os mais differentes, em situações as mais varias, trazendo a victima sempre o mesmo ferimento: — uma bala plantada em pleno coração! Denotava isso apenas o sangue frio do dono ou dona da mão que empunhava o revolver. E a policia, em peso, começou a agir. Era o assumpto geral. Em vão se faziam investigações

Em busca dum indicio do crime

Maneira convincente de descobrir um crime

de toda a especie. Os corpos assassinados eram examinados, mas não se encontravam indicios, impressões digitaes, nada. Um banco foi assaltado nas mesmas condições, e muito dinheiro roubado, dinheirinho novo... E dahi a policia entrou a investigar quem tinha cedulas novas em gastos superfluos.

Ora, era isso que se estava dando naquelle *cabaret*. Um rapaz, bem apessoado, elegante mesmo, junto ao balcão de um bar, ia pagando as suas despesas, e eram notas novinhas em folha que elle gastava. Um detective farejou a coisa e se aproximou. Não bastava um individuo ter dinheiro novo para ser criminoso, e o rapaz metteu a ridiculo o pobre policial, com grande gaudio da assistencia, aliás gente que não se poderia dizer ser da "haute gomme"... Uma linda creatura, entretanto — e esta tambem era elegante e distincta, estava em um camarote de onde tudo vira. Fez um signal ao rapaz, que se aproximou. Tornaram-se camaradas.

Riram e beberam juntos. Para o camarote vizinho chegou um casal. O rapaz logo prestou attenção á dama, pelo lindo collar que ostentava em um collo aliás tambem lindo. Apenas uma cortina os separava e elles ouviram o companheiro da dama falar-lhe sobre o perigo de ostentar aquella joia alli, pedindo-lhe que a tirasse e lha désse a guardar... Subito, apaga-se a luz do salão e ouve-se um tiro. E, quando se accenderam as luzes, jazia morta a dama, o peito varado por uma bala fulminante. E seu collar desapparecêra.

Ella era o «Tigre»

Quem era o assassino? Só poderia ser o cavalheiro que acompanhava a dama assassinada. O rapaz e a joven elegante bem que tinham ouvido a insistencia delle para que lhe désse a joia... Assim depuzeram, e não serviu para o infeliz a sombra de uma appellação. Mas... estaria de facto descoberto o ladrão, esse famoso "Tigre", como já o appellidavam?

(*Continúa na pag. 42*)

QUEM FOI QUE MATOU?

(GUILTE AS HELL)

Da PARAMOUNT

com Edmund Lowe

e Victor Mclagen

O jornalista estava perdendo a calma

FRANK MAROK foi preso pela policia de Nova-York como autor do assassinato da sra. Ruth Tindal. Todas as provas circumstanciaes são contra elle, e afinal vem a descobrir-se que Frank era amante da morta, o que ainda mais concorre para culpal-o. O marido da victima coadjuva activamente a policia nas suas diligencias para encontrar Marok, para reunir as provas do crime, para apresental-o á Justiça.

Mckinley é o commissario de policia a quem compete esclarecer o caso, e nessa missão o coadjuva Russel Kirk, reporter de um dos principaes jornaes da metropole. Mckinley e Kirk são o que se poderia qualificar "affectuosos inimigos", especialmente no campo vastissimo em que costumam desenvolver-se as manobras capitaneadas por Cupido.

No decurso do processo vem a saber-se que Frank tem uma irmã, Vera, e o comparecimento desta ao commissariado, subitamente alvoroçado ao contacto dos seus encantos, põe em parallelo alvoroço o coração dos dois amigos, mais combustivel do que estopa.

E succede o que facilmente se poderia antecipar: o reporter e o policial apaixonaram-se pela pequena, e, sem mais indagação, entraram a dedicar-se a ella. Vera, naturalmente, inclina-se mais para Kirk, cuja missão não é tão severa como a de Mckinley. E tão seguramente a sua belleza e graça subjugam o jornalista, que este para logo se convence da innocencia de Frank e empenha todas as forças da sua intelligencia, todo o seu faro de reporter para fazer com que o rapaz fuja á sorte que lhe promette a cadeira electrica.

Mckinley, bondoso mas obstinado, está porem, determinado a não deixar que Frank se livre do castigo. Mckinley, policial até o mais intimo da sua alma, não per-

No encalço do criminoso

doaria a si mesmo o minimo deslise no cumprimento do dever, especialmente estando convencido, como está, de que Frank foi o assassino. E d'ahi em deante, como bem se comprehende, entram em guerra aberta o reporter e o commissario.

No inquerito policial são ouvidas varias pessôas, cujo testemunho é tão só circumstancial, mas que estão promptos a jurar que Marok foi o autor do crime. Mas, ao fim, um elemento de prova machinado pelo criminoso, para transferir ao innocente a sua culpa, volta-se contra o perverso e descobre-se que o assassino não foi Frank e sim o proprio esposo da victima.

Mckinley e Kink não têm mais motivos para dissimular as suas pretenções á mão de Vera, mas ainda desse lado os aguarda uma terrivel surpreza, pois Vera, confessando-se embora muito grata aos dois, declara-lhes que dentro em poucas semanas usará o nome de um bravo official do exercito, de quem se fez noiva ha alguns mezes.

O jornalista e o policial não se entendiam

Outro pretendente

O TIGRE

(Conclusão)

Passam-se os dias. Uma noite escura... Um vulto se aproxima de uma casa, residencia elegante. Penetra por uma porta, com gazúa... Accende uma lanterna electrica... Um vulto surge á sua frente. Aquella mesma mulher que elle encontrára no cabaret, pois era ella, e era elle! Conversam. A mesma profissão os levára ali... Ouvem passos que se aproximam... Alguem bate á porta. Elle responde que se retire o mordomo... Como? E elle diz muito calmamente a sua verdadeira posição ali — a de dono da casa. Ella, sim era uma... ladra! Mais que isso, era ella o "Tigre" famoso, elle bem sabia! Subitamente, ella leva a mão ao peito, mas, antes que detone a arma minuscula que arrancou dali, o rapaz fizéra sumirem-se as luzes. Seis tiros seguidos, rápidos, fizeram-se ouvir. Pequeno silencio e a luz volta. Elle, sorridente. Ella pallida trémula. Pela primeira vez errára o alvo. E do seu peito pendia a ponta do collar roubado á dama morta no *cabaret*. E' que na ansia de arrancar a arma ella arrancára tambem o collar ali escondido.

Estava nas mãos delle, que telephona agora á policia. A missão delle estava cumprida. Havia jurado que descobriria o "Tigre".

Uma confissão ardente

MULHER

A musica dolente se espalhava pela sala. E muita gente pensava, talvez, em "Possuida", nos olhos soberbos de Joan Crawford...

* * *

Os olhares cupidos que acompanhavam os passos de sua mulher pesavam como uma injuria.

E o homem a sentia. E seu rosto pallido se enchia de sangue. E mordia os labios. E seus olhos dispendiam chammas.

Inutil. O despeito e a concupiscencia estavam em toda a parte. Nos vãos das janellas. Nas agglomerações ruidosas pelas portas. E os olhos avidos, irritantes, não se afastavam das mulheres que se deixavam levar ao rythmo da musica.

E entre essas mulheres estava a sua. A sua, que no egoismo brutal do seu amor, queria guardar só para si, longe de todos os olhos, longe de tudo...

* * *

Sentiu que não podia mais. Sentiu que, si continuasse, o seu amor explodiria num escandalo. E o aggredido perguntaria com o sorriso mais canalha:

— Si não queria que a olhassem, por que a trouxe?...

Pensou que a mulher comprehenderia. E disse:

— Vamos.

Disse sorrindo, num esforço supremo para se conservar calmo.

Mas a mulher não quiz comprehender... Disse que era cêdo. Ficariam ainda um pouco. Não dançariam mais. Iriam para uma sala onde não houvesse ninguem...

Então, para evitar o ridiculo de uma discussão, para não tomal-a pelos pulsos brutalmente, o homem sahiu.

Precisava de ar porque se sentia suffocado. E sahiu.

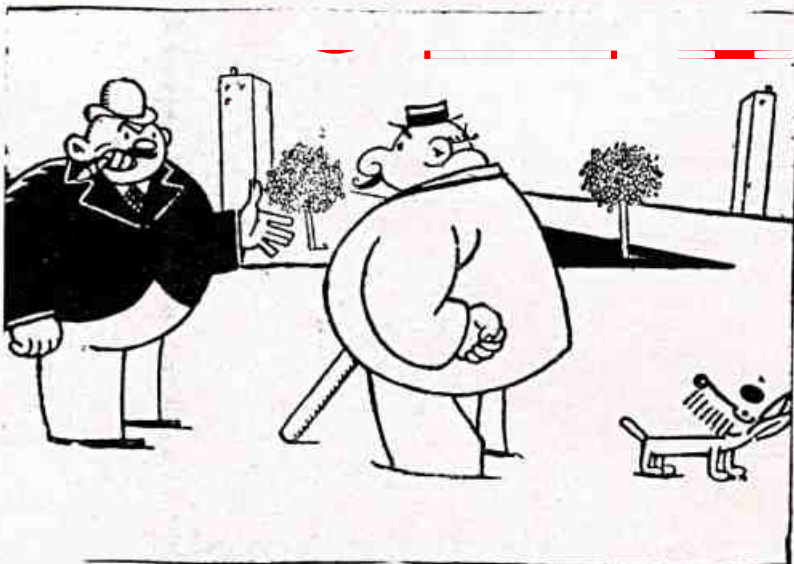
Na rua, a chuva lhe bateu no rosto. Deu alguns passos rapidos e parou. Quem sabe?... Uma esperança se veiu aninhar no seu cerebro. E si ella o seguisse? E si viesse atraz delle louca, desorientada por sua partida brusca?... Não lhe jurára tantas vezes que queria ser só delle? Não lhe dissera que, sem elle, os bailes, os passeios, tudo não tinha valor?

Não lhe murmurára ao ouvido que a vontade delle era a sua vontade? não lhe jurára, tambem...?

E o homem esperou. Dez, vinte, trinta minutos, talvez...

Continuava chovendo. Uma chuvinha fina, fria, irritante...

E ella não sahiu...

MAURO BARCELLOS

— E por que não deseja collocar dinheiro no Banco? Perdeu em algum delles?

— Não. Mas fui director de um.

Escriptores e livros

Tostes Malta — CRÔNICA DOS LIVROS — Rio — 1932 — 5$

TOSTES MALTA estreou victorioso na poesia. Depois, entregou-se ao penoso exercicio da critica, com brilho inexcedivel.

Pelas columnas d'*A Noite*, ás segundas-feiras, a sua penna fulgurante analyza e escarpela os livros alheios, com tão notavel superioridade de espirito, que o publico já o tem como um guia imparcial. Tão grande é a sua cultura, tão serena a sua actuação, que faz suppôr termos pela frente um cérebro maduro, em pleno outomno da vida, circumspecto, carrancudo... Mas, não é de um velho *azedo*, que se trata. Tostes Malta é um moço de physionomia alegre, amavel, perfeito *gentleman*. Vive como escreve, isto é, com idéas sadias, sem rancor, fidalgamente. E a sua prosa cheia de viço, de mocidade, encanta, seduz, interessa. Para que tenha vida mais duradoira, Tostes Malta reuniu em volume a critica de varios autores, talvez aquelles que o grande publico já conhece e estima.

Nós, os officiaes do mesmo officio, bem melhor podemos aquilatar o valor dos trabalhos firmados pelo illustre critico. A nossa funcção é demasiadamente ingrata, porque vivemos num systema planetario de camaradas.

Por isso, quando sabemos resistir á influencia mesologica, para agir com plena justiça e serenidade de animo, temos conquistado o direito de canonização... Optimo livro, de um espirito forte, seductor.

Augusto Accioly Carneiro — OS PENITENCIARIOS — Pap. Velho — Rio — 1932 — 25$

A segunda edição desta obra, apparecida no anno passado, é jar para o seu trabalho, a melhor recommendação que o autor podia desejar. Realmente, tratase de um livro notavel, o mais completo que se fez até hoje, sobre o assumpto, no nosso paiz.

A nossa opinião nenhuma valia tem, quando sobre a obra Clovis Bevilaqua, Paulo Maria de Lacerda, Carvalho Mourão e outros eminentes jurisconsultos já emittiram os juizos mais honrosos, realçando a personalidade do autor.

Sylvia Accioly — GYMNASTICA FEMININA — Schimidt — Editor — Rio — 1932

A sra. Sylvia Accioly, directora do Instituto Feminino de Cultura Physica, reuniu em interessante manual, a que deu o nome de *Gymnastica Feminina*, e que Schimidt editou, uma série de exercicios physicos destinados ao desenvolvimento e aperfeiçoamento morphologico da mulher. Dando á publicidade os methodos que utiliza no seu Instituto, a professora Sylvia Accioly estendese, ainda, em apreciações a proposito da anatomia e da physiologia femininas, mostrandose perfeitamente senhora do assumpto, que não é dos menos complexos.

Charrúas do Amarante — ANTROPÓFAGOS — Rio — 1932

A intenção do autor foi escrever um *poemeto*, indo buscar o assumpto numa região quasi desconhecida de Matto Grosso, denominada *Mattas da Poaia*. Agora, procura saber, da critica, si ha versos em seus versos... Com franqueza, o autor deve cuidar da pratica de outro sport.

A antropophagia, mesmo em se tratando de versos, não é permittida entre leitores civilizados.

Carlos Xavier Paes Barreto — O CRIME, O CRIMINOSO E A PENA — Rio — 1932

DIRECTOR e cathedratico de Direito Penal da Faculdade do Espirito Santo, o desembargador Paes Barreto organizou para os seus alumnos um trabalho, que, ao contrario da modestia do autor, não é constituido de simples apontamentos, mas um verdadeiro guia para o estudo de tão difficil materia.

O volume contem 25 capitulos escriptos com bastante clareza de linguagem, referindo-se o ultimo ao consentimento do offendido, em que o autor trata da euthanasia, mostrando as diversas opiniões a respeito do direito de se fazer matar.

Obra util, digna de attenção.

Contos de Grimm — Comp. Nacional Editora — S. Paulo — 1932 — 5$

MONTEIRO LOBATO traduziu, adaptando para as creanças brasileiras, uma série de contos de Grimm. E' mais um volume da collecção *Literatura infantil*, cuja apresentação material rivaliza com o que de melhor existe no estrangeiro. As illustrações a côres são primorosas.

Mario Poppe

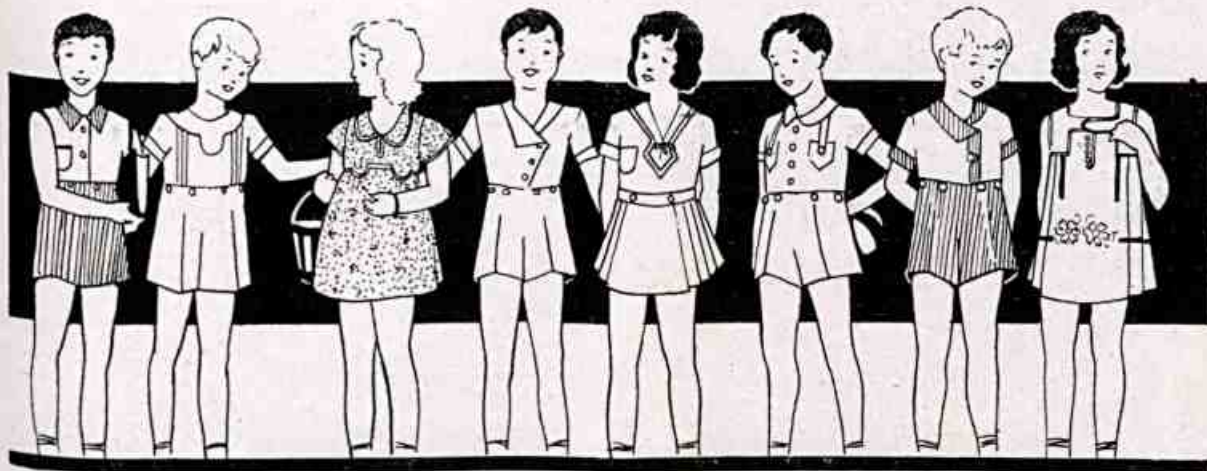
NOTAS DE ARTE

INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA. — Perante numerosissima, incontavel assistencia, que tornava quasi asphyxiante o Salão Leopoldo Miguez — pois nelle se acotovelavam, cerca ou mais de duas mil pessôas — realizou-se o 11.° Concerto da série official do I. N. M., com o Côro a Sêco do Orpheão de Professores do Districto Federal, sob a regencia do maestro Villa Lobos, sendo executado este programma: I) TOMASO LUDOVICO DA VITTORIA (1540-1613) — *Et Incarnatus est;* J. S. BACH (1695-1750) — *Preludio n.° 22* e *Fuga n. 5;* J. P. RAMEAU (1683-1764) — *O Tamborzinho;* J. G. L. MOZART (1719-1787) — *Moderato;* L. BEETHOVEN (1770-1827) — *Minueto* — *Moderato-Minueto;* F. F. CHOPIN (1810-1849) — *Valsa n.° 2;* H. VILLA LOBOS — *Patria* (Hymno do Orpheão dos Professores); II) DUQUE BICALHO — *Hymno ao Trabalho* (Poesia de José Rangel); HOMERO DE SÁ BARRETO — *Lamento;* H. VILLA LOBOS — *As Costureiras;* BARROSO NETTO — *Paz* e *O Ferreiro* (ambas letra de Paulo Gustavo) — H. VILLA LOBOS — *P'ra frente, ó Brasil.*

A festejada cantora brasileira Maria de Lourdes Sá Earp, que alcançou grande successo com o seu ultimo recital, realizado ha dias no Theatro Municipal.

Antes de qualquer commentario, o que o chronista deve immediatamente assignalar é o valor artistico e social da obra emprehendida por Villa Lobos: desenvolver o gosto musical das massas através do canto collectivo, do canto coral, escolhendo repertorio variado e bello para que o povo aprenda a cantar e cante o que vale a pena ser cantado.

Mas convem lembrar tambem ao victorioso maestro brasileiro que nesse como noutros emprehendimentos, como regente ou compositor, não

(Cont. na pag. seguinte)

se embriague com os triumphos, não se deixe empolgar por morbida e excessiva vaidade, pensando ser mais do que realmente é, não se esqueça nunca de que não vale só por si, mas como orgão social de uma pleiade que o precedeu, de uma pleiade que com elle coexiste e graças ás quaes vae triumphando, quando conserva e melhora o que dellas recebe e quando se mostra original sem ser extravagante.

O espectaculo musical do I. N. M. foi disso exuberante prova. Não fossem os grandes mestres ouvidos da musica classica e romantica, e alguns autores contemporaneos e o talento e o estudo dos que cooperaram na massa coral, o esforço do maestro seria baldado. Certas composições suas, que nos parecem mais singulares do que bellas — senão no todo, em parte — como esse *P'ra frente, ó Brasil*, que seriam se não encontrassem interpretes como os encontrou?

Feitas essas observações, que — não cessamos de repetir — não se originam da analyse technica das obras, mas das emoções que nos produzem, louvamos sem restricções a regencia do famoso compositor patricio e a adaptação ao canto das grandes obras classicas de Ludovico da Vittoria, Rameau, Mozart, Beethoven e acima de tudo das duas peças bachianas, principalmente *Preludio n.º 22*, que causou extraordinaria emoção, não só pela belleza do poema como pela vida com que foi interpretado pelo côro e pelo regente.

Louvores especiaes merecem tambem *O Ferreiro*, de Barroso Netto, que foi bisado, e *As Costureiras*, de Villa Lobos.

Mas houve um numero que se afastou de todos os que mais agradaram e commoveram: foi a *Valsa n.º 2*. Nem parecia musica de Chopin... E' possivel que technicamente seja um trabalho de valor a canorização — digamol-a assim — do poemeto chopiniano, mas em poder emocional pareceu-nos de todo nullo.

Mas com esta e outras restricções, o certo é que nem por isso deixa de ser digno de applausos o discutivel e discutido autor patricio pelo seu bello esforço em pról da arte, proporcionando-nos um dos mais valiosos e mais empolgantes saráus musicaes destes ultimos tempos.

Não nos esqueçamos de louvar tambem o professor Guilherme Fontainha procurando dar ao I. N. M. uma vida artistica que há muito lhe faltava.

ESPECTACULO DAS ESCOLAS DE CANTO DO THEATRO MUNICIPAL. — Em a noite de 3 de dezembro realizou-se no T. M. o 2.º Espectaculo das Escolas de Canto do Theatro Municipal, dirigidas pelos maestros Salvatore Ruberti-Sylvio Piergili, levando-se á scena a opera de Puccini *La fanciulla del West*, com a seguinte distribuição: *Minnie* — Sra. Nanita Lutz; *Johnson* — Sylvio Vieira; *Jack Rance* — Ernesto de Marco; *Nick* — Hugo Guido; *Ashby* — Ignacio Guimarães; *Billy* — Marco Carneiro; *Wowkle* — Nazinha F. Lima; *Jack Wallace* — Alexandre de Lucchi; *José Castro* — Alexandre de Lucchi; *Un postilhão* — Luiz Vieira; *Homem do campo* — Vallone; mineiros: *Sonora* Luciano Cavalcanti; *Trin* — José Valero; *Sid* — Marco Carneiro; *Bello* — Waldemar Monteiro; *Harry* — Alberto de Andrada; *Joe* — Tancredo Pinheiro; *Happy* — Marco Carneiro; *Larken* — Paulo Rodrigues.

Sem nenhuma metaphora exagerada pode affirmar-se, dentro da relatividade com que se devem julgar semelhantes exhibições, que o espectaculo não foi apenas uma apresentação de alumnos, mas a representação de uma opera por artistas afeitos á scena lyrica. Assistimos ao espectaculo de uma *Companhia Lyrica Brasileira*, de 3.ª, ou de 4.ª ordem, seja, mas uma Companhia homogenea, que com o successivo aperfeiçoamento poderá transformar-se numa Companhia de 1.ª Ordem, desde que nessa classificação, não se incluam as de valor excepcional, onde todos sejam verdadeiros artistas e onde figurem meia duzia de celebridades: o que é quasi um milagre...

A figura central, a heroina do drama lyrico, Minnie, foi interpretada sob o aspecto dramatico com rara mestria. A sra. Ninita Lutz é uma notavel artista dramatica. E como a esse dom junta, embora em menor grão, o de cantora, o resultado foi a série de bellezas lyrico-dramaticas, com que nos regalou, do 1.º ao ultimo acto.

Sylvio Vieira em Johnson, se não foi actor como Ninita Lutz actriz, tornou-se-lhe emulo como cantor. E ambos viveram com verdade e com belleza toda a opera, muito especialmente o duetto do 1.º acto — *Io non son che una povera fanciulla* — e mais que tudo a scena e duetto do 2.º — *Oh, se sapeste come il vivere e allegro*. Sylvio Vieira conseguiu arrebatar e ser applaudido em meio ao canto no *racconto* — *Sono Ramerrez, nacqui vagabondo*. E ambos foram estrondosamente ovacionados no fim do acto, o mais forte, o mais bello de todos.

Ernesto de Marco encarnou com apreciavel arte a figura de Rance. Foi bom parceiro da sra. Ninita Lutz no duetto — *Minnie, dalla mia casa son partito.*

Citemos mais Alexandre de Lucchi que nos pareceu irreprehensivel no personagem de menestrel dos campos, Jack Wallace, cantando ao *banjo* a canção nostalgica — *Che faranno i vecchi miei là lontano*.

Ainda uma palavra de louvor a senhorita Nazinha Lima na *berceuse* de Wowkle — *Il mio bimbo è grande e piccino*.

Com os senões que se notam mesmo nos de grandes companhias lyricas, os côros não destoaram dos solos e duettos. Todos pairaram em plano superior, dada a origem e a cultura recente dos coristas. O que é para louvor do mestre, maestro Sylvio Piergili.

Mais uma vez triumphou a orchestra da *Symphonica*, sob a regencia do maestro Roberto.

Julgada apenas pelas emoções que produz, pareceu-nos que a musica de *La Fanciulla del West* nada de novo nos revela, mas como todas as partituras de Puccini agrada pela espontaneidade da inspiração, pela belleza communicativa das suas melodias. Si nada tem de original, tambem nada tem de extravagante.

Com todas as restricções que se possam fazer á voz e á arte dos cantores brasileiros que interpretaram a opera de Puccini, o certo é que uma e outra se revelaram capazes de a interpretar com maior exito, com maior perfeição do que era esperado.

E juntando ao valor dos cantores o dos artistas que concorreram para a belleza dos scenarios e da indumentaria, a todos louvamos, a todos applaudimos, desejando que a representação de *La Fanciulla de West* marque o 1.º passo para a creação definitiva do Theatro Lyrico Brasileiro.

O S C A R D' A L V A

RESTITUIÇÃO

COMO desfiava, talvez, da hora tardia e da rua mal illuminada, Mathieu recebeu sem maior emoção o choque do vagabundo, surgido da sombra de uma porta para se atirar sobre elle, á sua passagem. Nem siquer houve luta entre os dois homens. Attingido violentamente por um magnifico *upper cut*, o aggressor cahiu.

— Imbecil! — disse Mathieu, contemplando com altiva curiosidade o miseravel vencido, que gemia a seus pés.

Mathieu era um homenzarrão solido e corpulento. Estava envolto num excellente sobretudo com pescoço de pélle. Sua fronte baixa, suas faces quadradas terminando em uma mandibula brutal, inspiravam um respeito que se avizinhava do mêdo. Com uma das mãos no bolso do sobretudo e acariciando a pistola que não quizéra sacar, sorriu ironicamente.

— Levanta-te e sê razoavel — ordenou rudemente. — Tu não tens força. Por que tentaste isto? Estás em má situação? Tens fome?

— Sim — respondeu, humildemente, o homem.

Mathieu examinava-o com calma, da cabeça aos pés. Estava deante de um vagabundo, chegado quasi ao ultimo degráo da degradação, e não com um profissional do assalto nocturno.

— Vem! — ordenou-lhe.

O vagabundo seguiu-o com uma resignação fatalista. Pouco lhe importava o ser entregue á policia. Assim estaria ao abrigo do frio e talvez alimentado. No ponto em que se achava, seu destino não podia peorar.

Mas a mão autoritaria de Mathieu, pesando sobre seu hombro delgado, o deteve deante de uma porta illuminada, que não era a de uma delegacia de policia, mas a de uma popular taberna nocturna.

— Entra!

Impellido para o interior, no calor e na poeira da fumaça de tabaco, o homem não teve tempo de surprehender-se.

— Senta-te!

Installado deante de um prato de sôpa quente, uma garrafa de vinho á frente, o vagabundo devorou e bebeu, indifferente aos olhares curiosos que havia provocado sua entrada na lisonjeira companhia de Mathieu. Este falava. O vagabundo escutava vagamente.

— E' verdadeiramente surprehendente! E ainda mais te maravilharias si pudesses comprehender. Tens uma sorte inaudita, rapaz, por haveres atravessado em meu caminho esta noite. Escuta. Tu querias minha carteira, não é? Aqui a tens. Dou-ta, com todo o seu conteúdo. Si não houvesse sido surprehendido por tua aggressão, eu deixaria que ma tomasses, porque... te estava destinada.

Tirou do bolso interior de seu paletó uma velha carteira de couro de phoca.

Os olhos do vagabundo olharam-no com um espanto que fez rir Mathieu.

— Ah, ah! Despertas? Não suspeitavas o presente? Um bom presente, rapaz! Porque esta carteira é um amuleto. Tem uma historia. Queres que ta conte?

O vagabundo só tinha olhos para a carteira, ainda na mão ampla de Mathieu. Fez, no emtanto, um signal de

O CUMULO DA AMABILIDADE — O perfeito vendedor (á freguesa que foi derrubada por um terrivel avanço de aproveitadores de liquidação). — Já foi attendida, minha senhora?

De H. J. Magog

aquiescencia, acompanhado de um grunido facil de ser traduzido. Mathieu bebeu o calice de cognac que se fizéra servir e aproximou do rosto terroso sua cara grande e vermelha.

— Olha-me. Faz dez annos..., sim, exactamente dez annos esta noite, eu me achava quasi tão desesperado quanto tú, naquella noite, errava pelas ruas de Paris, pensando com angustia em meu pão de amanhã. Foi nessas circumstancias que encontrei na calçada esta carteira... Exactamente! Pódes abrir os olhos o quanto queiras. Quando eu te digo que a sorte existe!... Eu morria de fome, pensando até no suicidio... e encontrei esta carteira. Sabes o que continha?

— Dinheiro — disse o vagabundo, com voz surda.

— Dez notas, meu amigo. Dez bellas notas de mil! Comprehenderás que não sonhei em averiguar quem era seu proprietario. Eu estava precisando muito desse dinheiro. Embolsei-o, pois, e escapulli... Mas não é tudo. A carteira continha outra coisa mais, que podia ser bem util a um pobre diabo em minha situação.

— Uma passagem de trem? — arriscou o vagabundo.

— Adivinhaste... Uma passagem de trem, completada com uma passagem do Havre a Nova-York, a bordo de um transatlantico. Dez mil francos e a viagem paga! Terias vacillado?

— Embarcou o senhor para os Estados Unidos?

— E ali fiz fortuna.

— Em logar do proprietario da carteira.

— Adeantas muito. Ninguem póde garantir que o outro teria triumphado como eu. Em resumo: voltei rico. Procurar o homem que perdeu a carteira era trabalho perdido. Nem siquer estou certo de ter lido seu endereço e seu nome. Mas tive uma idéa, para pagar minha sorte. Puz na carteira dez mil francos e mais a importancia de uma passagem de Paris a Nova-York, e sahi á procura de um pobre diabo para dar-lhe a mesma sorte. Encontrei-te. Agradece ao destino. Serás tú.

— Oh! — prorompeu o vagabundo, erguendo-se tão bruscamente, que derribou sua cadeira.— Então o senhor julga saldar assim sua divida? Pois vou mandar prendêl-o! O senhor não passa de um ladrão!... Um policia! Chefe, chame um policia!...

— Estás louco? Que tens? — rugiu Mathieu, debatendo-se contra a pressão do vagabundo que o segurava fortemente pela aba do paletó.

— Louco? E' possivel! E teria motivo!... Ah, miseravel! Guardas uma carteira que não te pertence, despojas um pobre diabo, não só de todo seu dinheiro, mas tambem de sua sorte... Comprehendes? De sua sorte!... Condemnas esse pobre diabo, á miseria e depois, dez annos mais tarde, quando voltas, te suppões honesto metendo uma carteira o equivalente ao que havias roubado e collocando-a, ao accaso, na mão de um desconhecido! Pois não ha de ser assim! Seria muito commodo. E antes de tudo, o saldo não é esse. Falta alguma coisa.

— Que? gaguejou Mathieu, desconcertado.

— Os dez annos, ora essa! Os dez annos de vigor, de enthusiasmo e de confiança que estão perdidos e que nada substituirá para o pobre diabo a quem roubaste... Não, nada! Nem mesmo que lhe entregues toda a fortuna. Vamos! Vamos á delegacia, ladrão!

— Anda, solta-me! — rugiu Mathieu. — E vae embora! Por que te mettes nisso? Que te importa?

— Que me importa? — exclamou o vagabundo, com uma gargalhada sinistra. — Escuta, e acreditarás na justiça: *eu sou o pobre diabo que perdeu a carteira.*

TERRA E MAR

Abrem-se de par em par as portas do ethereo!
E no azul sidereo
apparecem, vagabundos,
os cometas!
E, endemoinhados, a girar,
outros mundos:
astros, satellites e planetas,
na conquista do ar,
na conquista dos céos,
onde corpos immensos, tal qual no mar,
se arremetem aos escarcéos!...

E nessa balburdia, geometrica e terrivel,
poz Deus, lá do Invisivel,
pequenina e immensa, enorme e reduzida,
uma esphera a que chamou de Terra,
que é nossa mãe, nossa luz, nossa guarida,
e que de bello e grandioso encerra!

E a pobrezinha, triste e merencoria,
rica de dons, avida de gloria,
pediu ao Creador
que, no caminho do desconhecido,
lhe mostrasse o Amor.
Deus, então, compadecido,
fazendo-a adormecer aos pés de seu altar,
retirou-lhe uma costella
e della
fez o Mar!...

Mas o oceano,
potente soberano,
trazia no seu bojo
o germen da hypocrisia;
e vinha, meigo e terno, acariciar de rojo
os pés da noiva, plena de alegria...

E mansamente,
docemente,
carinhosamente,
beijava-lhe os pés
nas areias brancas das praias,
deixando, na nivea cutis da amante,
o diamantino aljofar de espumas borbulhantes!...

A terra, em gozo, sorria,
e a sua ventura traduzia,
no rumor farfalhante da floresta,
na doce voz dos passarinhos:
era o canto da natureza em festa,
abraçando os ninhos!...

Mas, depois, o impostor
esqueceu todo o amor.
Tinha então iras terriveis;
rugia e imprecava ameaçadoramente
contra seres invisiveis!
Quebrava-se nas praias, insolente,
açoitando os íngremes penedos!
E, senhor de força poderosa,
arrancava pelo tronco os arvoredos,
— franças verdes da esposa desditosa!...

E a terra, recordando os seus tempos de ventura,
tinha transes de loucura,
estremecimentos, terremotos singulares,
e nessas rapidas transições
vomitava aos ares
toda ira pela bocca dos vulcões!...

Mas, emfim, submissa, se acalmava
e escrava,
fazia pelos olhos correr
lagrimas a fio,
que iam encher
o prateado leito dos rios...

Crato (Ceará).

T H O M É C A B R A L

MOSCA... ARANHA...

PENDURADA numa teia, de cabeça para baixo, uma môsca imprudente esperava, muito quieta, o momento angustioso em que a inquilina ou proprietaria da teia descobrisse a sua presença. Mantinha-se na mais perfeita immobilidade: sabia que qualquer tentativa de desprendimento significava um apressamento da morte; ao mais leve balanço surgiria, de um pulo, a aranha despertada.

Portanto, essa môsca intelligente, longe de espernear emmaranhando-se cada vez mais — como costumam fazer as suas collegas — sorria e philosophava, nos poucos momentos de vida que lhe suppunha restarem.

Nesse momento de afflicção, quem a visse sorrindo a julgaria alguma adepta da Campanha da Bôa Vontade...

De certo. Que adeantava des-

(Continua na pag. seguinte)

esperar? Sabia que estava perdida. Que, numa questão de minutos, seria sorvida, com volupia, pela aranha.... Para que gritar, contorcer-se, desgrenhar os cabellos? Isso seria contradropudente.

Tambem... qual o fim que poderia aspirar a melhor môsca, senão a morte honrosa, ou nas garras de uma aranha, ou na téla de um mosqueiro, ou no visgo de um papel?...

O que é pouco é que parece ter mais sabor... e ella desejava saborear, o mais intensamente possivel, mesmo pendurada de cabeça para baixo, a minuscula parcella de vida que julgava ter. Antes de tudo, queria ter uma morte linda... calma, consciente.

Ia continuar nestas reflexões, mas..., um ligeiro estremecimento da teia arripiou-lhe automaticamente os pêllos. Pensou haver sido presentida, e suppoz que tivesse chegado a hora de ser o que ainda não havia sido nunca: pitéo...

Dominando-se, e num esforço de réo que fita o carrasco, olhou para cima, antevendo os tentaculos pelludos que a estrangulariam...

Surpreza!...

Não era nada. Fôra o vento, galato...

Com o coração ainda aos pulos arriscou um olhar por toda a teia. Ninguém!... A teia estava vazia, largada no canto da parede, e inutil como um panno de crochet no centro de uma mesa...

Então ella não ia morrer?!... E, de mistura com uma alegria de resurreição, sentiu a mágoa do desperdicio de tanta conformidade pela morte.

Deixou-se ficar, refazendo-se das emoções. E, emquanto isso, pensava:

"Ha muitos seres humanos que parecem môsca, pois vôam atraz do dinheiro como eu atraz de um torrão de assucar, até que, sem sentir, vão cahir nas teias das grades de um presidio. Chamam-se ladrões"...

Outros ha que, como aranhas perfidas, armam toda a sorte de teias traiçoeiras, com o intuito de immobilizar seus semelhantes, e retirar lucros em beneficio proprio. Esses não roubam directamente. Livram-se, astuciosamente, da pécha de ladrões, como a aranha se livra da pécha de assassina. E' a "luta da vida"... Elles têm "savoir vivre", e chamam-se "bien vivants"...

E, por fim, existem outros, que, sem preoccupações materialistas, são, ao mesmo tempo, aranha e môsca: tecem teias de sonhos, perfeitas e delicadas como aranhas artistas; e, quasi sempre, morrem penduradas nessas mesmas teias, como môscas tontas... Tecem a teia que os embaraça; teias de sonhos com fios de desgraça... Chamam-se poetas...

....

E a nossa môsca, conjugando todos os esforços e dando um solavanco, sahiu voando...

MAURICIO PINHO

MAIZENA DURYEA

A CONSERVARÁ ROBUSTA E FELIZ

A Maizena Duryea é um alimento puro que se extrahe do milho, e um dos melhores para as crianças. Contém elementos nutritivos e fortificantes, que darão força e vigor aos bebês e tornarão as suas faces rosadas e seus olhos brilhantes.

A Maizena Duryea tem um sabor delicioso. Além de alimentar o bebé, serve para preparar innumeros pratos deliciosos, facil e economicamente.

Gostariamos de lhe enviar o nosso livro de receitas. Para isto, basta devolver-nos o coupon abaixo.

REFINAÇÕES DE MILHO, BRAZIL S. A.
Caixa Postal 2972 - São Paulo
REMETTA-ME GRATIS UM LIVRO 50
505
Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado ....

A BONECA QUE MATOU...

ELLE se chamava mister Harrys, e o nome vinha accentuar sua recente reputação com essa nota opportuna de exotismo. Ella se chamava, apenas, *Boneca*, porque não era mais que isso: uma linda boneca fascinante. Trinta noites consecutivas ella vivia a repetir no elegante theatro a mesma funcção, e o povo não dava mostras de sentir-se fatigado. Uma pantomima breve e simples, de titulo muito suggestivo: *A Vingadora*. E' verdade que mister Harrys apresentava uma boneca viva fóra do typo habitual nessa especie de exhibições, e o proprio operador, por sua excellente arte e por sua excepcional figura, com sua só presença despertava um interesse enorme.

Entre as mulheres principalmente, porque elle era um homem realmente vistoso. Não se sabe porque havia escolhido aquelle nome de mister Harrys, porque de inglez não tinha o mais distante vestigio. Era um jovem moreno, elegante, varonil, de grandes olhos escuros, nervoso e insinuante, com uma mancha de cabello negro cahindo-lhe pela fronte para pronunciar a bella e arrogante expressão do rosto. Tudo nelle era elegancia e vigor juvenil, e isso, unido á emoção dramatica da pantomima e á graça de sua encantadora boneca, fazia com que o theatro se visse diariamente repleto de um publico selecto.

Que encanto de Boneca! E linda como uma moça de verdade. Era uma delicia seu rosto cheio, sua bôcca de vermelhos labios ligeiramente entreabertos, seus olhos de um azul profundo e um pouco estupefactos pela natural rigidez do olhar fixo. O penteado de languidos cachos e a saia á antiga davam um ar romantico encantador aquella Boneca, que verdadeiramente, como diziam os senhores com certa melancolia, era uma pena que não fosse de carne.

Mas se movia e trabalhava como uma authentica pessôa, sem outra differença além da rigidez de suas pernas de páo e a fixidez estupefacta de seus olhos de nácar. E isso, afinal de contas, contribuia para augmentar seu gracioso attractivo, ao ponto de ter a Boneca fervorosos admiradores, que iam assiduamente ao theatro contemplál-a e victoriál-a, e ella costumava corresponder aos applausos com saudações e genuflexões das mais gentis e pittorescas.

No entanto, todas as noites se reproduzia igual disputa. Nunca faltavam espectadores dispostos a assegurar que a Boneca era de carne, e não de páo, e que mister Harrys estava aventurando uma engenhosa tapeação.

— E' uma mulher de verdade!...

— Uma mulher de carne?...

— Repare no pescoço... Repare nas pernas...

Mas os mais perspicazes tinham que sentir-se perplexos quando mister Harrys, levantando a Boneca em seus braços, a manejava como a um objecto de panno ou de madeira, inerte e passivo.

A pantomima consistia em uma emocionante scena de amor e ciume, que terminava em uma reconciliação cheia de ternura. Vamos descrevêl-a em grandes traços. Apparecia a Boneca reclinada em um divan, com um livro de versos na mão e em attitude de quem espera: Está aguardando o Amado. Uma leve musica de violinos prepara o ambiente com sua surdina sentimental, e então, consummado o poetico sortilegio, a Boneca deixa cahir o livro e põe a cantar uma romanza melancolica (a voz, já se comprehende, sahia do fundo dos bastidores). E ao ir debruçar-se a janella, para dirigir suas queixas á lua, é que apparece o Amado, e em seguida, como no *Tenorio*, ha uma scena do sofá, com uma apaixonada recitação de bellissimos versos.

Era talvez o que mais agradava ao publico. Mister Harrys possuia o dom do ventriloco em grão extraordinario, e nesse dialogo de amor, principalmente, nessas romanticas tiradas de versos era que a arte do admiravel operador resultava mais interessante e attrahente. Subito, o colloquio apaixonado soffria uma brusca e pathetica interrupção. A Boneca surprehendia no Amado um segredo: uma preciosa miniatura e o retrato de uma mulher.

— Quem é essa mulher? — perguntava a Boneca, com comica indignação. — Como ousaste brincar com o coração de uma amante confiante? Ai, ai!...

E, depois dos lamentos e dos gestos desesperados, vinha um arrebatamento de furia, e, por fim, a Boneca tirava da liga um punhal e o enterrava no peito do infame. Mas o punhal tropeçava em um escapulario que a propria Boneca bordou com fios de séda e ouro, e deante do milagre a ira se transformava em lagrimas, as lagrimas em risos e, afinal, a Boneca cingia, com os braços de páo, o pescoço do Amado, offerecendo-lhe sua bôcca enamorada em um longo beijo de reconciliação.

De José Maria Salaverria

Todas as noites se repetia o exito ao terminar a graciosa pantomima, e os applausos acompanhavam mister Harryss quando este, erguendo nos braços a Boneca inerte e sorrindo aos espectadores, desapparecia atraz do velario.

Por isso mesmo, pelo inesperado e absurdo, resultou tão emocionante o fim que tiveram as exhibições artisticas da Boneca e o Amado. Quem havia de imaginar aquella noite semelhante desenlace? A Boneca obedecia, como de costume, á pressão dos dedos do operador, e sua voz soava como sempre, com o mesmo timbre infantil e automatico. A scena do divan teve um desenrolar feliz, e a comedia guignolesca alcançava o momento dramatico, tão do gosto do publico, em que a Boneca descobria o segredo do perjuro e lançava aquelles ais e gemidos que precediam a punhalada. E então...

E o facto é que alguns espectadores puderam observar que a Boneca se esquecia de lançar os habituaes ais e gemidos. Levou a mão á liga, como sempre, mas dessa vez o gesto executado em um estranho silencio. Brilhou o punhal na mão da vingadora, que o mergulhou, como outras vezes, no peito do perjuro. Talvez mais rapidamente que as outras noites. E o escapulario salvador?.. Ante a surpresa dos espectadores, o Amado curvou a cabeça e cahiu nas taboas do palco.

Todos julgaram que se tratava de algum truc do engenhoso mister Harryss, e ninguem se moveu de seu assento, á espera da divertida revelação. Mas transcorreram alguns minutos sem que o apunhalado se movesse no chão, emquanto a Boneca, com o punhal na mão, permanecia rigida, impassivel, na mesma attitude estupefacta. Foi quando dois ou tres espectadores decididos saltaram ao palco. Dois guardas, e depois alguns empregados do theatro, correram a investigar. E viram, com horror, que o punhal havia atravessado pela metade, e quão certeiramente!, o coração do grande artista.

Cahiu o panno apressadamente. Alli mesmo despiram o ferido, o apalparam, verificando-lhe o pulso. Veiu correndo um medico. Inutil! Não havia nada a fazer. Mister Harryss estava morto de todo.

O commissario de policia que chegou nos primeiros momentos e que, desde logo, determinou a revista na roupa da victima, de repente tropeçou com uma miniatura, com um lindo retrato de mulher. Uma mulher morena, joven e extraordinariamente formosa. Juntamente com o retrato, bem dobrada, foi encontrada uma carta escripta em letra miúda e em perfumado papel azul. O commissario leu:

"Esta noite te espero onde já sabes. Ao terminar o espectaculo, como hontem, e logo que deixes deitada tua estupida Boneca. Não faltes, meu amor, por nada deste mundo, si não queres causar a infelicidade daquella que te adora até a loucura..."

— Onde está a Boneca? — gritou o commissario.

A Boneca? Ninguem se preoccupava com ella. Todos gyravam em torno de mister Harryss, como era natural.

— Onde está a Boneca?...

Quando foram buscal-a, notaram então que a Boneca não apparecia em parte alguma. Uma boneca não passa de uma boneca. Póde-se levar ao carcere uma boneca? E si não estava nem no theatro nem no carcere, onde se podia encontrar? O commissario de policia sahiu correndo do scenario e desappareceu pela rua a fóra.

A madrugada mostrava sua melancolica pallidez nas altas torres gothicas da cathedral, emquanto em baixo, no rio, ia a neve desentumecendo-se ante o presagio do dia. Uma gaborra deixava-se levar pela corrente com a preguiça do trabalhador que ainda não conseguiu se desembaraçar da modorra da noite. Silencio. Frio. Um frio humido e penetrante.

— Ali está, perto do cáes...

— Sim, mas não alcanço...

— Vamos ver tu, Julião, que tens os braços compridos...

— Talvez pondo-te do lado de fóra... Nós te seguramos.

— Já a agarrei!... Mas como pesa!

Afinal, a Boneca foi retirada do rio e collocada de qualquer modo sobre a ponte. Os olhos azues haviam perdido seu habitual olhar espantado. Agora estavam fechados. As faces sem carmim. Os cachos loiros pegados no rosto. A madrugada crescia como uma pállida flor nas altas torres góthicas da cathedral.

Um dos homens se endireitou, de repente, e annunciou, com voz emocionada, a tremenda revelação:

— Não era uma boneca...

— Que dizes?...

— Era uma mulher de carne. *Era uma mulher de verdade...*

A BICYCLISTA

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

Desde 1894 até 1901 inclusive teve sempre Sherlock Holmes immenso que fazer. Não é arriscado affiançar que não houve successo publico de alguma difficuldade para o qual não o consultassem durante esses oito annos, e centos de casos particulares houve, alguns dos quaes muito intrincados e extraordinarios, em que elle desempenhou papel proeminente.

O resultado deste longo periodo de trabalho continuado foram muitos triumphos assombrosos e uns poucos de fiascos inevitaveis. Como eu conservei notas muito precisas de todos esses casos, e como eu proprio estive envolvido em alguns delles é de calcular a difficuldade em que me vejo para escolher qual delles devo dar a publico.

No emtanto, manter-me-ei na regra anteriormente seguida, dando a preferencia aos casos cujo interesse deriva não tanto da brutalidade do crime como do engenho e vigor dramatico da solução. Por este motivo irei agora expôr aos leitores os factos que se ligam com Miss Violet Smith, a bicyclista de Charlington, e o curioso andamento das nossas investigações, que se desenlaçaram numa inesperada tragedia.

E' certo que as circumstancias não contribuiram para fazer valer as faculdades em que era famoso o meu amigo, mas pormenores houve no caso que o fizeram destacar neste longo registro de crimes, d'onde colho materiaes para as minhas pequenas narrativas.

Consultando a minha carteira de lembranças, referente ao anno de 1895, vejo que foi num sabbado, 3 de abril, que travamos conhecimento com Miss Violet Smith. Recordo-me que a sua visita foi por extremo importuna para Holmes, o qual nessa occasião estava absorto num problema muito abstruso e complicado acerca da perseguição movida contra John Vicent Harden, o conhecido millionario commerciante de tabacos.

O meu amigo, que acima de tudo prezava a concentração do pensamento, enfadava-se com qualquer coisa que lhe distrahisse a attenção do objecto que o preoccupava. E todavia só por uma grosseria alheia á sua indole é que seria possivel recusar-se a attender a essa formosa e juvenil creatura, esbelta, graciosa, de aspecto regio, que, já tarde bastante, se apresentou naquella noite em Baker Street, a implorar-lhe auxilio e conselho.

Era escusado objectar as occupações que lhe tomavam o tempo, porque ella tinha vindo resolvida a contar a sua historia, e era evidente que só á força a poriam dalli para fóra sem esse desabafo. Com aspecto resignado e um sorriso de mal disfarçado tedio, Holmes pediu á linda intrusa que se sentasse e nos informasse das suas apoquentações.

— Falta de saude não é com certeza — disse elle dardejando sobre ella o olhar agudo — uma bicyclista tão ardente deve ser vigorosa deveras.

Ella baixou os olhos surprehendidos para os proprios pés e eu observei a ligeira aspereza na margem da sola causada pela fricção do pedal.

— E' verdade, sr. Holmes, ando bastante em bicycleta e isso liga-se exactamente com o fim da minha visita.

O meu amigo pegou-lhe na mão sem luva, e examinou-a com tanta attenção e desafogo como um homem de sciencia examinaria qualquer especimen.

— Estou que me ha de perdoar. Isto é cá do meu officio — disse elle, soltando-a — Por um triz que não cahi no erro de suppor que escrevia á machina. Mette-se pelos olhos dentro que é pianista. Watson, repare para a ponta espatulada dos dedos, que é commum ás duas profissões. Ha comtudo uma espiritualidade no rosto — e voltou-o brandamente para a luz — que não se engendra a escrever á machina. Esta senhora é artista musical.

— E' exacto, sr. Holmes, sou professora de musica.

— Na provincia, supponho eu, em vista da sua tez.

— Sim; perto de Farnham, nas fronteiras de Surrey.

— Lindos sitios e cheios de recordações interessantissimas. Lembra-se Watson? Foi por ahi que nós apanhamos o falsificador Archie Stamford. E agora, Miss Violet, que lhe succedeu então perto de Farnham, nas fronteiras de Surrey?

A juvenil senhora fez com grande clareza e compostura a seguinte curiosa narrativa:

— Meu pae já morreu, sr. Holmes. Era John Smith, regente da orchestra no velho Theatro Imperial. Minha mãe e eu ficamos sem mais parentes no mundo a não ser um tio, Ralph Smith, que foi para a Africa ha vinte e cinco annos, e de quem nunca mais houvemos noticia.

"Quando meu pae morreu, ficamos em grande pobreza, mas um dia disseram-nos que apparecera um

annuncio no *Time* a indagar do nosso paradeiro. Imagine o nosso alvoroço, pensando que alguem nos separa uma fortuna.

"Fomos immediatamente ter com o advogado cujo nome vinha no jornal. Encontramos ahi dois sujeitos, o sr. Carruthers e o sr. Woodley, que tinham vindo da Africa do Sul numa visita á metropole. Disseram elles que tinham sido amigos de meu tio, que elle morrera havia alguns mezes muito pobre em Johannesburg e que lhes pedira ao dar o ultimo suspiro que procurassem os seus parentes e indagassem se elles não soffriam necessidades.

"Extranhei que o tio Ralph, que em vida não se importara comnosco, tivesse depois de morto tanto cuidado em nós: mas o sr. Carruthers explicou que o motivo era ter meu tio tido a noticia da morte do irmão e sentir-se responsavel pelo nosso destino.

— Desculpe — disse Holmes quando foi essa entrevista?

— Em dezembro passado; ha quatro mezes.

— Tenha a bondade de continuar.

— O sr. Woodley pareceu-me uma creatura deveras odiosa. Não fazia outra coisa senão deitar-me olhadelas. Era ainda moço, de feições grosseiras, cara rechonchuda, bigode ruivo, melenas lizas aos lados da testa. Produziu me a mais absoluta antipathia; e convenci-me logo de que Cyrillo não desejaria que eu me relacionasse com semelhante pessoa.

— Então o nome delle é Cyrillo? — disse Holmes com um sorriso.

Miss Violet corou e riu-se.

— E', sim, senhor Holmes: Cyrillo Morton, engenheiro electricista. Contamos casar lá para o fim do verão. Valha-me Deus! nem sei a que proposito falei nelle. O que eu ia dizendo era que o sr. Woodley era absolutamente odioso, mas que o sr. Carruthers, homem já de mais edade, era menos antipathico.

"Era um homem trigueiro, descorado, taciturno, sem barba; mas tinha maneiras delicadas e um sorriso agradavel. Interrogou-nos sobre a nossa situação pecuniaria, e ao saber que ficaramos pobrissimas, lembrou-se de me convidar a ir para sua casa, como professora de musica de sua filha, que tinha dez annos.

"Respondi que não desejava separar-me de minha mãe, ao que elle objectou que eu poderia ir passar com ella todos os domingos, offerecendo-me cem libras por anno, o que era realmente um ordenado magnifico. Acabei pois por acceitar, e partir para Chiltern Grange, a coisa de seis milhas de Farnham. O sr. Carruthers era viuvo, mas tinha a seu serviço uma governante, creatura edosa e muito respeitavel, chamada Mistress Dixon.

"A pequenita era encantadora, e o futuro desenhava-se bem para mim. O sr. Carruthers era muito bondoso, grande amador de musica, e passavamos agradavelmente quasi todas as noites. Todos os sabbados eu ia a Londres passar com minha mãe uns dois dias.

"O primeiro golpe na minha felicidade foi a visita do homem da bigodeira ruiva, o sr. Woodley. Demorou-se uma semana, que para mim pareceu trez mezes. Era um homem terrivel, um ferrabraz para toda a gente, excepto para mim, que era ainda peior. Mostrava-me por mim odiosamente apaixonado. Gabava-se da sua riqueza, dizia-me que, se eu casasse com elle, possuiria os mais bellos brilhantes de Londres, e finalmente, ao ver que eu não queria nada com elle, uma vez depois de jantar agarrou-me á força (elle tinha uma força medonha) e jurou que não me largava emquanto eu não lhe desse um beijo.

"Interveiu o sr. Carruthers, que me desvencilhou dos seus braços, ao que elle se voltou contra o dono da casa, atirando-o ao chão e enchendo-lhe a cara de bofetadas. Este incidente, como pode calcular, poz termo á sua visita. O sr. Carruthers pediu-me desculpas no dia seguinte, e protestou que nunca tornaria a ficar exposta a semelhante affronta. De então para cá nunca mais vi o sr. Woodley.

"E agora, sr. Holmes, chego por fim ao assumpto especial que me trouxe hoje aqui, a pedir o seu conselho. E' preciso que saiba que todos os sabbados pela manhã eu vou na bicycleta até a estação de Farnham para apanhar o comboio das 12,22 para Londres. A estrada desde Chiltern Grange é muito só, principalmente num certo sitio, que fica a mais de uma milha de Charlington Heath por um lado e da matta circumjacente a Charlington Hall pelo outro. Não é facil descobrir em parte alguma um lance de estrada mais isolado, e é rarissimo encontrar sequer ao menos um carro ou camponio, até chegar á estrada real perto de Crooksbury Hill. Ha duas semanas passava eu por aquelle sitio quando, ao olhar por acaso para traz, se me deparou a coisa de duzentos metros um homem que tambem pedalava numa bicycleta.

"Afigurou-se-me um homem de edade madura, de barba curta e negra. Tornei a olhar para traz antes de chegar a Farnham, mas o homem desapparecera. Não pensei mais nelle. Mas imagine o sr. Holmes a minha surpreza, quando na segunda-feira, ao regressar, vi o mesmo homem no mesmo trecho de estrada. Cresceu de ponto o meu pasmo, quando se repetiu o incidente no sabbado e na segunda-feira seguinte.

"Elle mantinha-se sempre á mesma distancia, sem me incommodar por forma alguma, mas em todo o

(*Continúa na pag. seguinte*)

caso parecia-me esquisita a insistencia. Contei o que succedia ao sr. Carruthers, que mostrou bastante interesse, e me disse que tinha encommendado um carrinho, e que daqui em deante eu não percorreria sem companhia aquellas estradas solitarias.

"O cavallo e o carrinho deviam chegar esta semana, mas por qualquer motivo faltaram, e eu tive que ir outra vez de bicycleta até á estação. Foi esta manhã. Devo suppor que eu não deixei de deitar os olhos pela estrada quando cheguei a Charlington Hall.

"Lá estava o homemsinho, exactamente como ha duas semanas. Conservava-se sempre a tal distancia que eu não podia distinguir-lhe as feições, mas era com certeza pessoa que eu não conhecia. Trajava um fato preto e bonet de panno.

"A unica parte do rosto que eu podia ver com nitidez era a barba preta. Hoje não me assustei, mas, cheia de curiosidade, resolvi-me a descobrir quem era e que pretendia. Demorei o andamento da machina, e elle demorou o da sua. Em seguida parei, e elle parou tambem. Depois armei-lhe um laço.

"A estrada tem uma volta brusca; eu dobrei rapidamente o angulo, e estaquei á espera. Contava eu que elle contornasse a volta com tal velocidade que não lhe fosse possivel parar antes de passar por mim. Mas não tornou a apparecer. Voltei para traz e alonguei a vista pela estrada. A uma milha de distancia que eu podia alcançar, não se via signal delle. E o mais extraordinario é não haver por ali caminho de travessia por onde elle se podesse sumir."

Holmes teve um risinho e esfregou as mãos.

— Esse caso apresenta realmente uns certos caracteres originaes, disse elle. Quanto tempo decorreu entre o dobrar a volta da estrada e o descobrir a ausencia do homem?

— Dois ou tres minutos.

— Então não tinha elle tempo de voltar para traz, fóra do alcance da vista; e segundo diz, não por ali caminhos de travessia?

— Nenhum.

— Nesse caso, elle tomou com certeza um atalho, n'uma ou n'outra margem da estrada.

— Do lado da charneca não podia ser; aliás eu o tinha visto.

— Portanto, por exclusão de partes, chegamos á conclusão de que elle se encaminhou para Charlington Hall, que fica, pelo que vejo, situado em terrenos proprios a um dos lados da estrada. Tem mais alguma coisa a accrescentar?

— Nada, sr. Holmes, a não ser que fiquei de tal modo sobresaltada que só me occorreu, para me tranquillizar, a idéa de o ver e de lhe pedir conselho.

Sherlock Holmes quedou-se algum tempo em silencio.

— Onde se emprega o seu noivo? perguntou por fim.

— Na Companhia Electrica de Midland, em Coventry.

— Não seria capaz de lhe fazer uma surpreza?

— Oh! sr. Holmes! Então eu não o reconheceria logo?

— Miss Violet teve outros admiradores?

— Varios, antes de conhecer Cyrillo.

— E depois?

— Tive esse homem terrivel esse tal Woodley, se é que isso se pode chamar admirador.

— E mais ninguem?

A nossa linda cliente pareceu ficar perturbada.

— Quem foi? inquiriu Holmes.

— Valha-me Deus! isto pode ser que não passe de fantasia minha! mas quer-me parecer que W. Carruthers se interessa deveras por mim. Vivemos numa certa intimidade. Eu á noite acompanho-o ao piano... Elle nunca me disse nada. E' um homem muito bem educado. Mas as raparigas sempre percebem.

— Ah! e Holmes assumiu um ar grave — Em que se emprega elle?

— Tem fortuna.

— Não tem carruagens nem cavallos?

— Pelo menos, vive bem.

— Como?

— Costuma ir á City duas ou tres vezes por semana. Tem grandes interesses em minas de ouro sul-africanas.

— Ha de informar-me de quaesquer novas peripecias, miss Smith. Eu agora ando muito occupado, mas sempre arranjarei uns momentos para fazer algumas indagações sobre seu assumpto. Entrementes não dê um só passo sem me informar. Adeus, confio que não receberemos senão boas noticias de si.

— E' de ordem natural das coisas que uma rapa-

riga destas tenha adoradores — disse Holmes, puxando uma fumaça no cachimbo, auxiliar de meditações — mas não é vulgar que elles prefiram andar a pedalar por estradas solitarias. Mas ha neste caso uns pormenores curiosos e suggestivos, meu caro amigo.

— O delle apparecer só naquelle ponto?

— Exacto. A nossa primeira diligencia é saber quem são os moradores de Charlington Hall. Depois quaes são as relações entre Carruthers e Woodley, que parecem ser homens de feitios differentes. Como é que elles ambos tiveram aquella veneta de tanto se interessarem pelos parentes de mr. Ralph Smith? Outra particularidade. Que especie de "ménage" é aquelle que paga a uma "institutrice" o dobro do ordenado usual, e que não tem um cavallo, estando como está a seis milhas da estação? E' esquisito, deveras esquisito!

— Tenciona lá ir?

— Não, meu caro; vá você. Isto pode ser que não passe de uma insignificante intriga, e eu não estou disposto a interromper por uma ninharia outras investigações de maior alcance. Na segunda-feira pela manhã cedo chega você a Farnham; esconde-se perto de Charlington Heath; observa o que se passar por por seus proprios olhos e procede como o seu bom juizo o aconselhar. Depois de se inteirar sobre os moradores do palacio, volta para Londres e apresenta-me o seu relatorio. E agora, nem mais uma palavra a tal respeito, até que arranjemos umas poldras solidas sobre as quaes possamos vadear este rio mysterioso até chegarmos á solução.

Tinha-nos dito a nossa cliente que ella voltava na segunda-feira pelo trem que sae da estação de Waterloo ás 9.50; por isso madruguei para apanhar o das 9.13. Na estação de Farnham não houve difficuldade em me indicarem onde ficava Charlington Heath.

Não era possivel haver enganos sobre o local onde se dera a ventura de Miss Smith, porque a estrada orlada a uma das margens pela charneca e a outra por uma sébe de velhos pinheiros, que rodeia um parque de arvores magnificas.

A porta principal de pedra revestida de musgo, tinha os pilares coroados por emblemas heraldicos em ruinas; mas alem desta entrada nobre eu observei em varios pontos umas brechas na sebe e veredas que por ellas passavam.

A casa não se via da estrada, mas os arredores denunciavam todos devastação e tristeza.

A charneca estava coberta de remendos dourados de urze em flor, que realçavam esplendidos á luz do brilhante sol primaveril. Tomei posição por detraz de uma dessas moutas, de forma que dominasse tanto o portão do palacio como um extenso trecho de estrada para cada um dos lados.

Ao sahir da estrada, estava ella deserta; mas ao occultar-me, divisei um cyclista correndo por ella abaixo, vindo em direcção opposta áquella em que eu viera.

Vestia de preto, e percebi que tinha a barba negra. Ao chegar ao extremo da propriedade de Charlington, saltou da machina abaixo e levou-a por uma das brechas, sumindo-se-me da vista.

D'ahi a um quarto de hora appareceu outra bicycleta. D'esta vez era a rapariga que vinha da estação. Vi que ella olhava em torno de si, ao chegar á sebe.

Um momento depois surgiu o homem do esconderijo, saltou para a machina e seguiu-a. Em toda a extensa paisagem eram estas as unicas figuras em movimento, a graciosa "institutric" muito aprumada na bicycleta, e o homem que lhe ia no encalço, muito curvado sobre o guidão, accusando a cada gesto não sei que furtivas intenções. Ella volveu os olhos para traz e demorou a andadura. Elle demorou-a tambem. Ella parou. Elle parou logo igualmente.

O movimento feito em seguida pela rapariga foi tão inesperado quanto audacioso. Deu uma volta rubitanea e precipitou-se direita para elle. Elle porem, rapido como ella desandou por ali fóra em desesperada fuga. D'ahi a pouco ella retomou o seu caminho, com a cabeça altivamente erecta, não se dignando fazer mais caso do seu silencioso perseguidor. Elle voltava egualmente, e conservava-se á mesma distancia, até que a curva da estrada os occultou á minha vista.

Eu deixei-me ficar no esconderijo, e ainda bem que assim fiz, porque não tardou que o homem reapparecesse a pedalar em direcção opposta. Parou ao portão e apeou-se da machina.

Durante alguns minutos pude vel-o parado entre as arvores. Tinha as mãos levantadas e parecia estar arranjando a gravata.

Depois saltou para a bicycleta e afastou-se pela alameda em direcção ao palacio. Eu desatei a correr, atravessei a sebe, e espreitei por entre o arvoredo.

Muito longe consegui divisar trechos do velho edificio pardacento, com as suas chaminés do tempo dos Tudores, mas o arvoredo que guarnecia a ala-

(Continúa na pag. seguinte)

meda era tão espesso que não tornei a distinguir o meu homem.

Pareceu-me comtudo que o meu trabalho daquella manhã não fôra inutil de todo, e voltei muito contente a Farnham.

Na agencia de casas da localidade nada me poderam dizer a respeito de Charlington Hall, mas indicaram-me uma firma conhecida em Pall Mall.

Fui lá de caminho no meu regresso, e receberam-me com a maior cortezia. Não era possivel arrendar Cahrlington Hall para o verão. Eu já chegara tarde. O palacio fôra alugado havia um mez. O inquilino era um tal sr. Williamson, homem já velho e respeitavel.

O delicado agente tinha muita pena de não me poder dar mais informações, visto que os negocios dos seus clientes estavam fóra da sua alçada.

Sherlock Holmes ouviu com attenção o longo relatorio que naquella noite consegui apresentar-lhe, mas não pronunciou a breve phrase de elogio que eu esperava e que muito apreciaria. Pelo contrario, a sua physionomia austera denunciava ainda mais severidade do que a habitual, ao commentar o que eu havia feito e o que eu deixara de fazer.

— O seu esconderijo, meu caro amigo, foi pessimamente escolhido. Onde você devia ter-se occultado era detraz da sebe; d'ahi poderia ter visto de perto essa interessante personagem. Assim, ficou a umas centenas de metros de distancia, e nada póde adeantar ao que pode contar-nos Miss Smith. Julga ella que não conhece o homem; eu estou convencido que sim. Aliás, que empenho teria elle de não a deixar aproximar de maneira que lhe visse as feições? Diz você que elle se curvava muito sobre o guidão. Ahi tem, é outro disfarce. Realmente, você andou deploravelmente. Elle metteu-se em casa, e você ainda precisa descobrir quem é elle. E recorre a uma agencia de Londres!

— Que havia eu de fazer? Exclamei eu, com um certo calor.

— Fosse á taverna mais proxima. Ahi é que é fóco de bisbilhotice local. Escarrapachavam-lhe ali todos os nomes, desde o patrão até ao bicho da cosinha. Williamson! Esse nome nada me traz ao espirito. Se é um homem velho, não é o bicyclista impetuoso que foge num relance da rapariga. Que ganhou você com a sua expedição? O ficar sabendo que é verdadeira a historia della. Disso eu nunca duvidei. Que ha relações entre o tal bicyclista e o palacio de Charlington. Isso tambem é velho para mim. Que o inquilino do palacio se chama Williamson. Que ganhamos nós com isso? Pouco mais podemos fazer até sabbado, e entretanto posso eu fazer uma ou duas investigações.

Na manhã seguinte recebemos uma carta de Miss Smith, contando, em resumo, mas com precisão, os mesmos incidentes a que eu assistira; mas no post-scriptum é que estava o melhor:

Dizia assim:

"Tenho a certeza de que o sr. Holmes respeitará a minha confidencia, quando lhe disser que a minha situação aqui se torna difficil, visto o dono da casa ter me proposto casamento.

"Estou convencida de que os seus sentimentos são sinceros e honestos.

"Ao mesmo tempo, já tenho a minha palavra compromettida.

"Elle tomou a minha recusa muito a serio, sem deixar de ser cortez. Em todo o caso, devo perceber que a situação é um pouco tensa".

— A nossa juvenil amiga parece-me que está mettida numa grande embrulhada, disse Holmes, pensativo, quando acabou de ler a carta. Este drama parece que apresenta mais caracteres de interesse e mais probabilidades de desenvolvimento do que eu a principio suppuz. Estou que não me daria mal com um passeio pacato ao campo, e sinto-me propenso a partir ainda esta tarde para experimentar uma ou duas theorias que formulei.

O tal passeio pacato de Holmes teve um desfecho singular, porque elle chegou a Baker Street pela noite adeante com um beiço rachado e um grande gallo na testa, vestido como um vagabundo de modo que o recommendaria ás investigações dos agentes de policia.

Vinha muitissimo divertido com as suas aventuras, e fartou-se de rir quando m'as relatou.

— Faço tão pouco exercicio muscular que isto é para mim um regabofe, disse elle. — Você não ignora que eu possuo uma certa proficiencia no velho sport britannico do box. Uma vez por outra sempre serve. Hoje por exemplo, ficaria machucado de todo se não fosse isso.

Pedi-lhe que me contasse o que succedera.

— Topei com a tal gentinha da terra que eu já tinha recommendado ás suas attenções. Estava eu na taberna, onde um taberneiro tagarela me deu todas as informações que eu precisava. O tal Williamson é um sujeito de barba branca, e vive sósinho no palacio com um pequeno estado menor de creadagem. Correm boatos de que elle é ou já foi ecclesiastico; um dos dois incidentes da sua curta residencia no palacio impressionaram-me porem como pouco proprios de tal profissão. Já fiz algumas indagações numa agencia do clero, e afiançaram-me que houve nas ordens sacras um homem desse nome cuja vida foi singularmente obscura.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

ORF LÉNE

Liquido

O MELHOR E MAIS PRATICO

conserva os cabellos sedosos e facilita a ondulação permanente

DISTRIBUIDORES PARA TODO O BRASIL

AMÉRICO & CIA

RIO DE JANEIRO

RUA SETE DE SETEMBRO 86